



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA.

JULIANA DA SILVA NUNES

**DIREITO À CIDADE: RELAÇÕES E VIVÊNCIAS NA ARENINHA GENIBAÚ DA
CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ.**

FORTALEZA
2023

JULIANA DA SILVA NUNES

DIREITO À CIDADE: RELAÇÕES E VIVÊNCIAS NA ARENINHA GENIBAÚ DA
CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho

FORTALEZA

2023

JULIANA DA SILVA NUNES

DIREITO À CIDADE: RELAÇÕES E VIVÊNCIAS NA ARENINHA GENIBAÚ DA
CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Aprovada em 28/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. ^a Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. ^a Maria de Assunção Lima de Paulo
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N925d Nunes, Juliana da Silva.
Direito à cidade : Relações e vivências na Areninha Genibaú da cidade de Fortaleza, Ceará / Juliana da Silva Nunes. – 2023.
98 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.
1. Cidade. 2. Direito ao lazer. 3. Direito à cidade. 4. Projeto Areninhas. 5. Usos do equipamento. I. Título.

CDD 301

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu trilhar essa trajetória desafiadora da pesquisa acadêmica.

A mim, por toda força e coragem de ser a primeira da família a cursar o nível superior e alcançar o título de mestre.

À minha família, que mesmo sem compreender a realidade acadêmica, esteve presente e sempre dedicou apoio, especialmente, ao Amilton Silva que foi um bom noivo e excelente ouvinte.

Às amigas que estiveram presente e contribuíram direta e indiretamente para realização deste trabalho por meio das vivências partilhadas.

Ao professor orientador Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho pela parceria durante toda a construção e realização da pesquisa.

Aos professores membros da banca Danyelle Nilin Gonçalves, Francisco Willams Ribeiro Lopes e Maria de Assunção Lima de Paulo pelas observações, questionamentos e auxílio para a construção desse trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e a todo o corpo docente que possibilitaram trocas e grandes aprendizados pessoais e profissionais.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação integral ao programa de pós-graduação e a realização desse estudo.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo que tem como objetivo analisar as relações que se estabelecem na Areninha Genibaú, localizada em uma periferia da cidade de Fortaleza, Ceará, a partir da perspectiva do direito à cidade. Examina, assim, as sociabilidades que são possibilitadas a partir de um espaço da cidade e que guarda relação com a cidade de modo geral, tanto em seu âmbito local, como em seu contexto global. Para isso, realizamos pesquisa de campo e diálogos com os(as) usuários(as) do equipamento, além de fazer uso de manuais e documentos sobre a política de esporte e lazer, bem como, imagens retiradas do Google. Enquanto resultado, observa-se que a proposta da Política de Esporte e Lazer realizada por meio das areninhas amplia a possibilidade do acesso ao lazer para a população, entretanto, carece de articulação com as demais políticas públicas, a fim de tornar o direito à cidade mais democrático. Observa-se que a questão de gênero permeia as práticas realizadas no equipamento, tendo como público mais expressivo as masculinidades, dentre as práticas destaca-se os jogos de futebol e carimba, a batalha arena e o comércio informal de comida de rua. Considera-se, portanto, que enquanto o acesso ao lazer estiver atribuído apenas ao acesso a equipamentos, sem considerar a realidade expressa no espaço urbano, realizar-se-á de forma fragmentada, não atingindo o contingente populacional.

Palavras-chaves: cidade; direito ao lazer; direito à cidade; Projeto Areninha; usos do equipamento.

ABSTRACT

This paper is the result of a field research that aims to analyze the relationships that are established in the Areninha Genibaú, located on the outskirts of the city of Fortaleza, Ceará, from the perspective of the right to the city. It examines, thus, the sociabilities that are made possible from a space in the city and that is related to the city in general, both locally and in its global context. For this, we carried out field research and dialogues with the users of the equipment, besides making use of manuals and documents about the sports and leisure policy, as well as images taken from Google. As a result, it is observed that the proposal of the Sport and Leisure Policy carried out through the Areninhas expands the possibility of access to leisure for the population, however, it lacks articulation with other public policies, in order to make the right to the city more democratic. It is observed that the gender issue permeates the practices carried out in the equipment, having as a more expressive public the masculinities, among the practices it stands out the soccer and carimba games, the battle arena and the informal street food trade. It is considered, therefore, that while access to leisure is attributed only to access to equipment, without considering the reality expressed in the urban space, it will take place in a fragmented way, not reaching the population contingent.

Keywords: city; right to leisure; right to the city; Areninha Project; uses of the equipment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fortaleza em mapas: areninhas e mini areninhas.....	26
Figura 2 - Vista panorâmica do entorno da Areninha do Genibaú.....	30
Figura 3 - Campo do Sevilha (1) em 2012 (antes da reforma).....	31
Figura 4 - Lateral da Areninha (após reforma)	31
Figura 5 - Campo do Sevilha antes da revitalização (2012)	31
Figura 6 - Areninha do Genibaú (2019).....	32
Figura 7 - Quadra de futsal antes da reforma (2012)	32
Figura 8 - Quadra de futsal após a reforma (2019)	32
Figura 9 - Quadra de futsal durante a reforma	33
Figura 10 - Identificação do equipamento e seus recursos	34
Figura 11 - Imagem da Prefeitura de Fortaleza – Projeto Atleta Cidadão.....	35
Figura 12 - Comentários realizados através do Google Maps (06/dez/2022).	36
Figura 13 - Projeto Atleta Cidadão realizado na Areninha Genibaú	38
Figura 14 - Regionais da cidade de Fortaleza.....	50
Figura 15 - Encontro realizado pela Batalha Arena.....	59
Figura 16 - Participação das juventudes na Batalha Arena.....	61
Figura 17 - Campo de grama sintética da Areninha Genibaú.....	63
Figura 18 - Homens em campo: masculinidades e esporte.....	72
Figura 19 - Esporte e brincadeiras em campo.....	76
Figura 20 - Tradicional partida de futsal.....	78
Figura 21 - Uso da quadra pelos jovens.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	8
2.1	Entrada em campo.....	12
3	O DIREITO AO LAZER PELA PERSPECTIVA DO DIREITO À CIDADE	18
3.1	O direito ao lazer: diálogos a partir do campo de pesquisa.....	19
3.2	O direito ao lazer na realidade da cidade de Fortaleza	24
3.2.1	<i>Projeto Areninhas</i>	25
4	A CIDADE COMO LUGAR DE ENCONTROS: USOS DO EQUIPAMENTO	40
4.1	A emergência da cidade e o contexto fortalezense	40
4.1.1	<i>O contexto fortalezense e a realidade ao redor do equipamento</i>	50
4.2	Usos do equipamento pelas juventudes: Batalha Arena	56
5	UM CAMPO DE ENCONTROS: A ARENINHA DE FUTEBOL	63
5.1	A constituição do esporte moderno	67
5.2	Homens e esporte	71
5.3	Entre o tradicional e a modernização	77
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em tela busca analisar as relações que se estabelecem na Areninha Genibaú, na qual está localizada em uma periferia da cidade de Fortaleza, Ceará, a partir da discussão do direito à cidade. Entretanto, chegar a essa proposta percorre as relações que estabeleço enquanto usuária do espaço público e os percalços vividos enquanto pesquisadora do urbano. A proposta da pesquisa está em perceber essas sociabilidades que são possibilitadas a partir de um espaço da cidade e que guarda relação com a cidade de modo geral, tanto em seu âmbito local, quanto com o contexto global.

Em relação à realidade global, a cidade emerge como disputa (SILVA, 1993). No contexto latino-americano, a expansão demográfica, a partir de 1960, caracterizou-se pela migração do campo para a cidade que não foi acompanhada por melhores condições de vida para seus novos habitantes, mas criou segregações que demarcam lugar na cidade (ROLNIK, 1995)

No Brasil, a condição econômica não é o único definidor dos territórios, sobretudo quando pensamos no processo de escravização da população negra e na abolição inacabada (FERNANDES, 2008). Tendo o racismo como processo histórico e estrutural, um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, o espaço urbano aglutina contradições e é transformado cotidianamente, seja por seus governantes ou por seus habitantes que constroem formas de viver, estar e sentir a cidade. Por se constituir a partir da lógica da segregação e desigualdade, infelizmente, o direito à cidade está reduzido a parcelas da população. Ao passo que não está relacionado apenas ao acesso ao espaço urbano, mas na capacidade de poder transformá-lo e requerer melhores condições de habitabilidade e lazer (LEFEBVRE, 2001). Tal direito torna-se quase que um sonho distante para a maioria da população que enfrenta a ausência do estado como regra.

A cidade é fruto dessas transformações e como objeto de disputas é modificada em prol de “melhorias” para os seus moradores. Observa-se que as políticas públicas são utilizadas como meio de transformar essa realidade perversa, a fim de possibilitar o melhor uso do espaço urbano por seus habitantes. É com essa

proposta que surge em 2014 o Projeto das Areninhas, uma parceria do Governo do Estado do Ceará com as prefeituras, que cria e revitaliza equipamentos públicos localizados em locais com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ou alto índice de vulnerabilidade social. O projeto, que tem se tornado referência nacional, viabilizou a construção de 103 equipamentos espalhados pela cidade de Fortaleza (MOTA, 2022).

A partir dessa realidade, essa pesquisa surge com a proposta de analisar as relações que se estabelecem nos arredores em um campo de futebol, revitalizado pela proposta das Areninhas, localizada no bairro Genibaú na Fortaleza, Ceará. Identificando os principais atores e as trocas estabelecidas dentro e ao redor de um campo de futebol, compreendendo-o como espaço de socialização da cidade, bem como sua relação com a discussão acerca do direito à cidade.

Nesse sentido, foram realizadas observações a partir da pesquisa participante e diálogos com os(as) usuários(as) do equipamento, permitindo a escrita de parte da dissertação. Em virtude disso, no capítulo *O direito ao lazer pela perspectiva do direito à cidade*, discute-se sobre o direito à cidade a partir da lógica dos usos do espaço público, principalmente por meio da análise das políticas públicas de esporte e lazer implementadas na cidade de Fortaleza, como no caso das Areninhas e projetos tais como o Atleta cidadão, que propõe a realização de atividades de esporte para crianças e adolescentes.

Logo, o direito ao lazer e as relações que se estabelecem no equipamento da Areninha permite pensar na dimensão do direito à cidade, tal como elucidado por Henri Lefebvre e David Harvey, que não se resume ao acesso a equipamentos de lazer de forma isolada das demais questões que permeiam o espaço urbano.

No capítulo *A cidade como lugar de encontros: usos do equipamento*, discute-se sobre a cidade no contexto mundial - a partir de autores como Sassen (2005), Wirth (1962) dentre outros - e como suas influências são sentidas cotidianamente pelos usuários do equipamento observado. Em relação às práticas realizadas na areninha, dá-se enfoque na comercialização informal de comida de rua e na realização da Batalha da Arena, evento que semanalmente promove a expressão juvenil por meio da batalha de rap.

Em suma, a partir da análise, busca-se identificar como a revitalização da cidade incide sobre as práticas realizadas, proporcionando não apenas mudanças nas estruturas dos equipamentos, mas percorrendo as vivências nesse. Enquanto expressão do direito à cidade, as suas transformações em prol de melhorias promovem tanto a possibilidade de acesso ao direito ao lazer, ou em grande medida, uma tentativa, visto que buscam promover desarticulados das demais políticas públicas, como as de segurança pública, trabalho e moradia.

Em relação ao capítulo *um campo de encontros: a areninha de futebol* suscita análises - a partir de autores como Norbert Elias (1994), Elias e Dunning (1992) dentre outros - sobre a constituição do esporte moderno e sua expressão no cotidiano dos usuários do equipamento, em que se observa desde a realização das partidas de futebol de times uniformizados à realização espontânea de práticas como o carimba. A partir dessa discussão e do contexto analisado, dialogamos sobre a relação entre gênero e as práticas de lazer, desde sua influência nas relações dentro do campo de futebol ao seu reflexo na teia de relação que se desenvolve na cidade.

A pesquisa buscou contribuir para as discussões sobre o direito à cidade, temática relevante para se discutir os limites da implementação de políticas públicas desarticuladas. Outrossim, dialogar sobre a proposta de implementação de políticas que se direcionam a localidades em situação de vulnerabilidade social, especialmente, nas periferias da cidade de Fortaleza por meio do projeto areninhas. As transformações desencadeadas nesse ínterim modificam as relações dos usuários(as) do equipamento, bem como, o papel desempenhado por esse em meio a ausências recorrentes em tais localidades.

Em suma, o presente trabalho traz discussões pertinentes para a análise do direito à cidade, tomando como referência uma realidade localizada na periferia de uma capital brasileira. Outrossim, reflete questões suscitadas durante o Mestrado Acadêmico em Sociologia em suas disciplinas e grupos de pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é realizada a partir de uma realidade determinada e perpassa as experiências do(a) pesquisador(a), fugindo de uma lógica que propõe uma neutralidade. Em relação a essa, destaca-se a intersecção enquanto mulher e periférica. Em que as lembranças são marcadas pelo não acesso à cidade em sua completude, expressa na ausência de espaços de lazer no bairro, que eram driblados por estar na calçada de casa ou nos encontros mediados pelas igrejas e associações comunitárias.

De alguma forma, a cidade se resumia ao bairro em que residia ou mesmo à praia, lugar quase que apartado da realidade, visto as inúmeras horas gastas dentro do transporte público para chegar ao seu destino. Nesse sentido, a relação que estabeleci com a cidade, para além do bairro, deu-se durante o ensino médio entre o trajeto da escola ao estágio¹ que era realizado com transporte público, principal meio de locomoção utilizado na cidade de Fortaleza. Mas, sobretudo durante a graduação em Serviço social, tornou-se possível expandir a experiência para outros lugares da cidade e suscitar a indagação sobre o espaço urbano.

É a partir dessa realidade, que no ano de 2020/2021, realizei a pesquisa “Cidade, juventudes e trajetos: narrativas de jovens moradores(as) das periferias de Fortaleza, Ceará”. Nessa, busquei entender as relações que os(as) jovens estabelecem com o espaço urbano. Dois principais resultados chamaram atenção, primeiramente, as dificuldades apontadas pelos jovens homens entrevistados ao acessar a cidade, pois, ao mesmo tempo que as pesquisas apontam para um melhor acesso dos homens em detrimento às mulheres no espaço urbano. A realidade retratada apresenta um acesso não uniforme às masculinidades, visto as dimensões raciais, econômicas e identitárias que inter cruzam o estar no urbano.

Em segundo lugar, a dificuldade de acesso a espaços de lazer, pois, em sua grande maioria, encontram-se localizados em zonas nobres da cidade, tornando-se de difícil acesso que se reflete em longas esperas nas paradas de ônibus ou na superlotação que demarca as experiências de seus usuários.

¹ Os relatos estão em primeira pessoa para permitir uma aproximação com o contexto vivido pela pesquisadora, bem como delimitar de que ponto parte as análises do trabalho.

A proposta de dissertação surgiu a partir do primeiro resultado e para discutir a relação das masculinidades com o espaço urbano. Entretanto, a principal problemática foi encontrar um campo de pesquisa que aglutinava a relação dos homens com a cidade, ao passo que fizesse intersecção com as dimensões raciais, econômicas e de território durante o período de pandemia que assolou o mundo (com o início 11 de março de 2020 após a declaração da Organização Mundial da Saúde - OMS), e especialmente no Brasil, contabiliza milhares de mortes.

A pesquisa não se faz apenas a partir da definição do problema ou mesmo do campo em que ocorrerá às investidas, mas é formada por sujeitos(as), tanto em relação ao(a) pesquisador(a), que tem o papel-chave de analisar dados e coletar informações, quanto aos(as) participantes que doam seu tempo e contribuem com a produção acadêmica. Assim, o contexto impactou sobremaneira a realização dessa pesquisa, principalmente por ter uma realidade marcada pela morte, medo e angústia, além da impossibilidade de ida ao campo de pesquisa.

É sabido que o contexto foi desafiador para todos os(as) pesquisadores(as), mas especialmente para aqueles que pesquisam o espaço urbano foi o deslocar de lugar. As ruas, que nas pesquisas se destacam pelo vazio durante o período noturno, pois são marcadas pela violência urbana, ampliaram a ausência de transeuntes durante os demais horários do dia. A marca se deu no isolamento social, principalmente para aqueles que dispõem de condições mínimas de sobrevivência, ou que o trabalho pôde ser realizado por meio remoto.

De fato, com o aliviar das restrições de isolamento e com o avanço da vacinação, a proposta de pesquisa pareceu ter mais uma possibilidade. Para dialogar sobre a temática, apontamos como campo de pesquisa um centro de treinamento de arte marcial, que aglutinava as características apontadas como relevantes para a investida no campo. Iniciamos o diálogo com o responsável pelo estabelecimento e as observações, que se deram de junho a setembro de 2022, ficando as entrevistas marcadas para metade de setembro de 2022. Entretanto, antes de iniciarmos as entrevistas, o responsável (interlocutor chave) informou a não possibilidade da realização dessa em seu estabelecimento².

² O centro de treinamento é um espaço privado, onde se realiza artes marciais. Em decorrência disso, a negativa do interlocutor chave é também a negativa de se realizar a pesquisa, visto pertencê-lo.

Observa-se que as experiências vividas durante o caminho comprovam que na pesquisa acadêmica não se torna possível o controle do contexto, não se trata de um ensaio em laboratório, que traz desafios para os pesquisadores, mas que pode ser feito a medida da não conclusão do estudo. Vê-se, entretanto, que a pesquisa com seres humanos dispõe da dimensão contextual vivida e das escolhas da participação ou não por meio dos participantes. Em vista disso, tais questões estão além do que o(a) pesquisador(a) consegue controlar e revela que não estamos imunes à realidade social que vivenciamos.

Apesar dos percalços, durante as observações dos diários de campo do centro de treinamento, algo reaparece como uma possibilidade de discussão: os espaços de lazer. Fazendo-se observar como possibilidade de investigação a segunda problemática outrora evidenciada pela pesquisa de 2020/2021 e que já se mostrava como um tópico importante para análise no centro de treinamento.

Assim, no processo de construção da pesquisa “Direito à cidade: relações e vivências na Areninha Genibaú localizada na cidade de Fortaleza, Ceará” inúmeros foram os desafios enfrentados, ponto de extrema importância para se elucidar e apontar, principalmente, como forma de identificarmos que na construção acadêmica do trabalho de campo, estamos sujeitos a desafios que estão postos no cotidiano, tais como a negativa na realização da pesquisa ou ao contexto global, marcado pelo problema do século.

É talvez essa dimensão que mais chama atenção nos estudos sobre a cidade, o quanto o contexto mundial, regional e local traz interferência nas experiências dos sujeitos no espaço da cidade, em vista disso, juntamente com essa realidade salta aos olhos o espaço urbano, pois não se resume ao físico e ao concreto, mas como o pulsar dos sujeitos que o experienciam.

Não se trata apenas das condicionalidades do âmbito mais geral, mas das construções que os transeuntes possibilitam à medida que são transformados e transformam a cidade. O “não” ensejando na pesquisa no centro de treinamento permitiu identificar outras vivências que pulsam no urbano, que se faziam presentes, mas que não eram notadas.

A cidade enquanto lugar plural atravessa a vida de bilhões de pessoas mundialmente, tornando-se demograficamente mais habitada que o campo (GONÇALVES, 2019), que se figurou durante centenas de anos como o lugar mais povoado. Assim, essa aglutina em si inúmeras funções como o lugar de moradia, trabalho e lazer. Especialmente, para essa pesquisa o espaço de lazer se mostra relevante.

A relação estabelecida com a cidade perpassa as experiências e os significados que atribuímos ao lugar e as vivências ensejadas. Assim, o trânsito dos indivíduos é demarcado por diversos fatores, desde os relacionados às subjetividades ou mesmo relacionados aos marcadores sociais, que se apresentam também como marcadores de violências e opressões. Apontar a problemática urbana tem sido recorrente nas pesquisas acadêmicas, não à toa, visto impactar diretamente na vida e na saúde física e psicológica dos sujeitos.

Conforme destacam as estatísticas, o elevado índice de violência, de acidentes de trânsito e de mortes no espaço urbano tem o tornado como cenário de diversas formas de violação de direito, tal como o direito à cidade. Em pesquisa realizada anteriormente, os relatos apontam para uma dificuldade em comum das juventudes periféricas fortalezenses, a ausência de espaços de lazer, a não possibilidade de caminhar pela cidade e a violência como fator definidor do não acesso.

De fato, os dados apontam para uma letalidade vivida pelos jovens no espaço urbano, pois figuram como maiores vítimas, sobretudo quando interseccionam questões como gênero, raça/etnia e renda.

Com efeito, no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (ATLAS, 2021, p. 27).

Nesse sentido, caminhar na cidade é quase sempre carregado pelo medo e insegurança de se tornar a próxima "vítima", um novo dado que não parece surpreender, ao contrário, é vivido como uma realidade dada e objetiva, quase como se tivéssemos que nos adequar a esse contexto.

A violência urbana se manifesta de diversas formas, individual e/ou coletivamente, segundo a natureza do espaço público e/ou privado, da qualidade de seu processo de produção, urbanização e, sobretudo, do nível de privação de sua população no campo da sobrevivência e dos direitos sociais. As formas históricas de violência também variam segundo o design urbanístico do espaço, da qualidade do seu sistema sociopolítico cultural, do número de habitantes em um dado território e da consciência comunitária de seus habitantes. (WEYRAUCH, 2011, p. 3)

Dentre as problemáticas apontadas pela pesquisa realizada em 2020-2021, observa-se os vazios que figuram no urbano durante o período da noite. Em relação a isso, salta aos olhos uma realidade que não seja como essa, mas uma realidade em que os cidadãos utilizam o espaço no bairro como forma de encontro, de socialização e lazer, evidenciando-se quase como um oásis no deserto da cidade. É assim que a areninha aparece como objeto de pesquisa, não necessariamente o espaço físico em suas estruturas, mas as sociabilidades que são estabelecidas e as vivências mediadas por um espaço físico.

2.1 Entrada em campo

A realidade apontada nas primeiras partes desse texto retrata grande maioria dos bairros de Fortaleza, à noite, a escuridão e o vazio figuram como transeuntes da cidade. Ao contrário dessa realidade, o retorno para casa, mediado pela passagem próxima a Areninha, tem se destacado com um espaço que aglutina vida, pessoas e práticas sociais, desde o futebol à comercialização de “pratinhos”.

O campo do Sevilha, como durante toda a história do bairro foi conhecido, comporta atualmente a Areninha Genibaú, equipamento requalificado pela prefeitura de Fortaleza por meio do Projeto Areninha no ano de 2015. Esse conta com um amplo campo de futebol, quadra de futsal e arquibancadas, além da academia ao ar livre.

Em virtude dessa realidade, observa-se como principais práticas os jogos de futebol e, em vista disso, a plateia nas arquibancadas; a realização de cultos evangélicos; a comercialização de comida de rua que traz como plano de fundo o reflexo do desemprego estrutural e o equipamento como uma fonte de renda; a Batalha Arena, que promove a realização de batalhas de rap pela juventude; as partidas de futsal e carimba que são realizadas pelos jovens que utilizam o equipamento; bem como, aqueles que o utilizam como forma de encontros.

Enquanto moradora do bairro que conhece essa realidade, a entrada em campo acontece mediada pela possibilidade de observar esse contexto, que embora devesse ser comum, tem se tornado rara nos limites do urbano da cidade de Fortaleza. Apesar de conhecer seu entorno, direcionar-se como pesquisadora é também vestir um novo papel, para assim estar atenta às possibilidades de observação e a tentativa de compreender a realidade, não apenas como usuária do equipamento ou transeunte que outrora esteve nesse espaço. As primeiras investidas ao campo, a partir desse novo olhar, objetivaram trazer familiaridade às práticas realizadas no equipamento. Estar atenta às principais expressões que são mediadas pelo equipamento, e que assim como as praças dos grandes centros urbanos, traz a espontaneidade como figurante.

Nesse sentido, para responder ao objetivo proposto pela pesquisa, a saber: busca analisar as relações que se estabelecem na Areninha Genibaú que está localizada em uma periferia da cidade de Fortaleza, Ceará por intermédio do direito à cidade, realizou-se estudo de natureza qualitativa, em que “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2002, p.22).

Outrossim, a pesquisa bibliográfica, documental e de campo desempenharam um papel relevante para a delimitação e análise realizada na pesquisa. Em relação à pesquisa bibliográfica que está na base da investigação, trata-se de etapas que percorreram todo o processo da pesquisa, desde a escolha do tema e das categorias até a sua finalização.

A contribuição da pesquisa bibliográfica está na ampliação do olhar ao campo de estudo e traz discussões que se mostram relevantes para o processo investigativo. Especialmente, análises que versam sobre o direito à cidade e ao lazer, espaço urbano, esportivização e modernização das práticas. Realizando-a conjuntamente com o auxílio dos dados, através da “pesquisa documental que se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (GIL, 2008, p.51). Na pesquisa em questão, fez-se uso dos documentos relacionados a política de esporte e lazer da cidade de Fortaleza, bem como, estatísticas relacionadas a letalidade da violência urbana.

O método de pesquisa participante foi utilizado como forma de estar mais próximo dos(as) sujeitos(as), durante meses fomos ao campo de pesquisa com a proposta de observar a relação que são estabelecidas entre os(as) usuários(as) do equipamento e este. Bem como, realizamos diálogos com os(as) usuários(as) e moradores(as) que residem ao redor da Areninha, com o objetivo de perceber quais são suas narrativas em relação ao campo. Para sistematização das observações e diálogos, fez-se uso de diários de campo.

Outrossim, como alternativa para discutir as percepções dos(as) usuários(as) do equipamento e ampliar o material de análise, embora delimitada pelos percalços relatados anteriormente, utilizou-se os comentários realizados por meio do Google. Em que se evidencia as formas de uso, as necessidades e perspectivas que têm sobre a Areninha. Em vista de permitir uma melhor compreensão das mudanças ensejadas nesse, traz-se imagens do Google Maps em que se destaca as principais transformações que foram realizadas no entorno da Areninha.

Nesse sentido, a inserção em campo, enquanto pesquisadora, foi realizada logo em seguida a devolutiva de não aceite da realização da pesquisa no centro de treinamento, conforme observado anteriormente. Sobretudo por se tratar de uma proposta com prazos curtos para entrega das atividades a serem realizadas. Fazendo-se necessário observações mais densas e com maior frequência, a fim de adquirir robustez para a pesquisa e material de análise que contribua para a produção do conhecimento científico.

Nessa trajetória, o auxílio nas orientações se apresentou como essencial, tornando possível a análise desde a negativa realizada pelo centro de treinamento e as possibilidades que se desenvolveram após as observações em campo e os novos caminhos traçados para a elaboração dessa pesquisa.

Em relação às observações das relações proporcionadas na Areninha, ocorreram em horários e dias diversificados, apesar da maior presença dos usuários no período noturno e aos finais de semana, com a proposta de captar as experiências vividas pelos sujeitos e que, conforme foi sendo observado, são diversas a depender do dia em observação.

Com a proposta de chegar no lócus da pesquisa, o trajeto se deu especificamente a pé, por se tratar de um lugar próximo à residência da pesquisadora. Tornando-se acessível por diversos caminhos, com o intuito de observar a realidade que se faz presente também nos arredores da Areninha.

Especialmente, observa-se que durante todo o processo de pesquisa, o permanecer em campo era realizado por meio de observações, seja nas arquibancadas, lugar que comumente aglutina pessoas de diversas faixa etárias, a depender da atividade que ocorre em campo ou aos arredores desse. Bem como, observações que eram realizadas próximas à quadra de futsal.

A pesquisa se realiza desde o uso das metodologias às observações realizadas estrategicamente. Em relação a essa, durante os diálogos realizados com os moradores e usuários do equipamento, foi uma atitude estratégica as conversas com os(as) vendedores(as) que cotidianamente utilizam a Areninha como ponto para venda das mais variadas comidas.

Principalmente, como um meio de trazer novos olhares para a pesquisa e dimensionar as atividades que eram realizadas mesmo quando a pesquisadora não se fazia presente. Assim, não existia dia específico para as observações, visto se tratar de um lugar dinâmico e que as atividades se fazem de forma fluida, apesar de haver dias com atividades demarcadas, como é o caso da batalha do rap a ser pontuada na pesquisa.

No decorrer da realização das pesquisas acadêmicas, torna-se necessária a delimitação temporal das observações realizadas em campo, sobretudo por se tratar de uma pesquisa que tem reflexos no contexto da cidade. Em vista disso, as observações foram realizadas durante os meses de outubro a janeiro de 2023.

Devido a delimitação temporal ocasionada pelo não aceite da pesquisa no centro de treinamento, foi-se preciso redefinir as formas de observações e construir novas formas de tecer diálogos com os sujeitos da pesquisa. Com esse propósito, optamos por realizar diálogos informais com os interlocutores.

Durante esse período, conversamos com Antônio, jovem de 28 anos que reside no bairro desde seu nascimento. Dona Maria, 72 anos, que mora nos arredores do equipamento; Sabrina, 15 anos, que apesar de morar no bairro, utiliza o

equipamento com menor frequência; Ana, 42 anos, dona de casa, que mora no bairro há mais de 20 anos; Vanessa, 50 anos, que trabalha com a venda de comidas nos arredores do equipamento.

A escolha por tais interlocutores teve como proposta dialogar com aqueles que com maior frequência se faziam presentes no equipamento, desde os que comercializam algo no entorno ou que estão corriqueiramente o utilizando. Destaca-se que para identificá-los usamos da observação, que possibilita compreender e fazer relações a partir do vivido na pesquisa. Em vista disso, os interlocutores que utilizam o equipamento como fonte de renda tiveram papel especial, pois se fazem presentes diariamente, bem como, aqueles que residem no entorno ou no bairro há algum tempo.

Observar o campo de pesquisa é uma atividade intencional, na qual o pesquisador aponta questões que são necessárias para a observação durante o percurso da elaboração da pesquisa. Esse processo se mostra importante, pois permite definir e direcionar o olhar, afunilar o que se pretende observar. Entretanto, a observação despretensiosa se mostra como um elemento que traz novas percepções e novas possibilidades de observações para a pesquisa.

Trata-se, portanto, de apontar questões relevantes, mas não se mostrar rígido, pois são essas demais observações que permitem preencher lacunas no objeto pesquisado, e muito provavelmente, apontará as relações que se estabelecem. Toma-se como exemplo, que na pesquisa em cena, durante uma caminhada ao campo de pesquisa, em um horário diferenciado, com essa proposta de observar outras relações que se estabelecem com o lugar, tornou-se possível observar uma prática antes não conhecida, a realização de atividades escolares³ no campo de futebol pesquisado.

Embora se mostre relevante a delimitação dos horários de observações, a fluidez dessa proposta possibilita que mais atividades sejam identificadas e mesmo que essas não se destaquem como objeto de análise, permite compreender o todo vivido.

³ Por volta das oito horas da manhã, as atividades escolares aconteciam no espaço do campo, diferentemente das demais atividades observadas, em que crianças utilizavam o espaço de forma fluida, sem uma definição de atividade específica. Tal evento chamou a atenção, pois era um grupo de crianças em que muitos estavam trajando um uniforme com o emblema de "Atleta Cidadão", projeto que busca aproximar a escola das atividades esportivas realizadas nas areninhas, como foco em crianças e jovens de 8 a 29 anos de idade. O objetivo deste é utilizar o esporte como instrumento de transformação e lazer (FORTALEZA, 2022).

O período noturno foi o mais observado, pois se trata do momento com maior fluxo de usuários presentes no equipamento, algo que se repete no final de semana. Entretanto, as observações foram realizadas em outros horários, na qual possibilitou identificar os demais usos e atividades que são possibilidades no interior desse. Tendo como referência os diálogos realizados junto aos interlocutores que apontavam algumas atividades ao longo do dia, como é o caso do projeto Atleta Cidadão que ocorre no período da manhã e tarde, conforme identificamos.

Em virtude dessa realidade, os caminhos traçados pela pesquisa contaram também com os direcionamentos dos usuários e interlocutores chaves que contribuíram tanto nas observações realizadas, quanto na indicação de melhores horários e atividades.

3 O DIREITO AO LAZER PELA PERSPECTIVA DO DIREITO À CIDADE

No decorrer deste capítulo, pretende-se discutir sobre o direito ao lazer em sua amplitude, enquanto um conjunto de atributos expressos no direito à cidade. Com essa finalidade, dialoga-se sobre direito ao lazer a partir do campo de pesquisa, destacando as políticas públicas de lazer e seu impacto no ordenamento urbano da cidade de Fortaleza, especialmente por meio do projeto das Areninhas.

Assim, pontua-se brevemente sobre a constituição e definições do lazer enquanto atividade social. Bem como, de que forma o direito ao lazer é pensado e realizado no Brasil, e especialmente, na cidade de Fortaleza. O fio condutor da análise dessa proposta é o campo de pesquisa aqui discutido, pois compreendemos que o contexto local traz reflexos e recria novas lógicas sociais para a temática.

Apesar de o direito à cidade surgir em Paris, 1968, com manifestações das juventudes por reformas educacionais direcionadas pela produção de Henri Lefebvre (TAVOLARI, 2016). No território brasileiro, ganha destaque entre o período de 1970 e 1980, sobretudo devido ao contexto marcado por fortes repressões sociais, assim, o direito à cidade constitui-se atrelado ao direito de cidadania.

À medida que o processo de urbanização e industrialização se expande, a cidade passa a ser construída e vivida como mercadoria, em que para usufruir de seus bens, faz-se necessário o acesso à renda. Em decorrência disso, tem como resultado a miséria urbana, em que apesar de enfrentar longas jornadas de trabalho, a população trabalhadora se via impossibilitada do acesso ao lazer, ou seja, de usufruir o tempo livre, pois o espaço estaria regulado a partir do não acesso. (EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO, 2018).

Em suma, o reflexo dessa realidade se apresenta articulada à segregação urbana, em que parcelas dos cidadãos são direcionados a determinados territórios da cidade, principalmente aqueles com poucos ou nenhum recurso. Embora surja atrelado a possibilidade do usufruto dos demais âmbitos da vida, para Harvey (2014) o direito à cidade se expressa como a possibilidade de modificar o urbano e não está resumido apenas ao acesso à moradia, mas que engloba desde o direito ao trabalho, como também, ao direito ao lazer.

Portanto, “é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com os nossos mais profundos desejos. [...] é um direito mais coletivo que individual [...]. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades” (HARVEY, 2014, p. 28). Ainda que se expresse de forma desigual e excludente devido ao fator econômico, que é capaz de definir onde morar e viver no urbano, o direito à cidade quando efetivado possibilita a produção democrática da urbe (TAVOLARI, 2016).

Apesar de ser requerido como universal para todos os habitantes do urbano, o direito à cidade ainda permanece restrito a camadas da população, principalmente quando pensamos no direito ao lazer. Sob tal perspectiva e demandas que emergem no urbano, tal como as expressões da questão social, esse direito durante tempos foi renegado, pois para parte dos pesquisadores existiam outras demandas mais expressivas a serem conquistadas (REQUIXA, 1977).

Em vista disso, além da negação desse direito, ainda era permanente a relação direta entre ter direito ao lazer e a questão do trabalho, seja em vista de que para acessá-lo, fazia-se necessário o acesso à renda ou porque conectam o lazer apenas ao descanso, sujeitando-o ao trabalho. Outrossim, a partir de uma ótica simplista que reduz sua dimensão a essa realidade, quando comparado com os demais problemas sociais vividos no urbano, é relegado à margem, recebendo pouca ou nenhuma atenção tanto por parte dos pesquisadores, como também pelos demais envolvidos no ordenamento urbano (REQUIXA, 1977).

É por intermédio de uma proposta contrária a essa lógica que se pretende discutir o direito ao lazer a partir da perspectiva do direito à cidade, pois se compreende que a realização e efetivação desse está diametralmente articulada com aquele. Visto que possibilitar o acesso ao lazer permite que as sociabilidades urbanas construam laços e produzam uma cidade mais humanizada, contrária a uma lógica que diminui os espaços da cidade ao trânsito de pessoas, pois permite a troca e o estar no urbano.

3.1 O direito ao lazer: diálogos a partir do campo de pesquisa

O lazer enquanto oposto ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana se expressa a partir do contexto social, econômico, cultural e religioso (DUMAZEDIER, 1979). Nesse sentido, em uma sociedade marcada pelo consumo e

produção de mercadoria, realizada a partir do acesso desigual aos bens e serviços, o acesso ao lazer é realizado de forma desigual.

Os autores que discutem a temática do lazer apontam duas tendências de conceituações. Em primeiro lugar, a noção de lazer é aquele realizado nas sociedades grego sendo “tempo ocupado por atividades ideais e nobres para o ser, por atividades livres como a contemplação teórica, a especulação filosófica e o ócio” (CARVALHO, VARGAS, 2010, p. 3). Ou nas sociedades romanas, em que o trabalho era realizado pela população escrava e que a plebe, ao ser sustentada pelo estado, dispunha de tempo livre para realizar atividades de contemplação.

A segunda tendência de abordagem é realizada a partir da discussão do lazer como vivido na atualidade, que tem como principal marco a Revolução Industrial. Nesse sentido, a temática do lazer está estritamente relacionada com o contexto social em que é realizada, sobretudo por sofrer influência devido ao modo de vida partilhado pelos(as) cidadãos(ãs). Assim, apesar de se manter enquanto possibilidade efetiva apenas a parcela da população, o acesso ao lazer direcionado para população de modo geral foi conquistado a duras penas, graças à diminuição da jornada de trabalho, que possibilitou o acesso ao tempo livre e a diversificação entre atividades de trabalho e lazer.

A realidade social retrata a carência de acesso aos espaços urbanos, principalmente para a população mais pobre, que enfrenta a precariedade da cidade como regra, em especial, a dificuldade de acesso pelos jovens a espaços de lazer. Essa realidade não se resume apenas a cidade de Fortaleza, mas se mostra como recorrente nas demais capitais do país. Conforme retrata Ana Lopes (2017) em seu estudo sobre direito ao lazer, ao elucidar uma reportagem jornalística, afirma que crianças brincavam em áreas de lixões e nas águas de rios com esgoto, devido a ausência de espaços de socialização.

Essa relação entre o não acesso e as populações mais pobres está articulado com o surgimento do lazer, que apesar de se conectar com a revolução industrial e as mudanças nas legislações trabalhistas ocorrida na Europa no século XVIII, ainda se faz presente no cotidiano dos cidadãos. Nesse sentido, sua discussão surge atrelada às transformações ocorridas no continente europeu, devido ao modo de produção capitalista. Antes desse, observava-se que o trabalho e as atividades de

lazer estavam relacionados e interconectados, pois o “lúdico estava difuso nas práticas cotidianas” (LOPES, 2017, p. 25).

À medida que a urbanização e a industrialização se efetivam e causam mudanças nas relações de trabalho, em que esse passa a ser realizado nas fábricas, sendo exaustivo e quebrando a fluidez com o lúdico que anteriormente perpassa todas as práticas, cria-se a necessidade do lazer tal como o conhecemos. Torna urgente a luta por melhores condições de trabalho e o acesso ao descanso remunerado e a férias, vê-se, portanto, a possibilidade de praticar outras atividades para além do trabalho, criando alternativas para o tempo ocioso.

Em uma sociedade marcada pela mercadorização da vida, o lazer será alvo da indústria do divertimento, criada com a proposta de se difundir no tempo livre da população trabalhadora. Ao passo que o lazer se difunde e alcança às demais parcelas da sociedade, tem-se uma atividade marcada pelo acesso a partir de condições econômicas, ficando este restrito a aqueles que podem pagar.

Assim, em menos de cem anos, o lazer transformou-se profundamente. De um lado, conseguiu ele estabelecer-se com um caráter mais ativo, no seio da burguesia, conseguindo uma parte maior de atividades físicas e sociais. Num outro setor, o lazer reservado anteriormente aos privilegiados passou a ser para todos os trabalhadores: primeiro uma possibilidade, depois, uma reivindicação, e finalmente, “uma necessidade real” (DUMAZEDIER, 1976, p. 58)

A civilização urbana é quem inaugura as práticas de lazer a partir da modernização e modificação da relação dos sujeitos com o meio ambiente. Outrossim, a industrialização transforma a prática de lazer massificada e homogênea (LOPES, 2017). Pois ao sofrer influência do meio social no qual surge, o lazer traz consigo uma diversidade que se baseia na cultura, região, nível socioeconômico e religião.

Esse pode ser classificado pelo aspecto físico, manual, intelectual, artístico e social (DUMAZEDIER, 1976), como uma atividade menos interessada que se difere das práticas realizadas com o intuito da profissionalização. Nessa pesquisa, importamos a sua dimensão física e social. Em relação à primeira, as práticas se baseiam no uso do corpo, do exercitar-se, estando presente nas atividades de futebol, carimba e exercícios físicos realizados na academia ao ar livre.

Em se tratando do campo de pesquisa, destaca-se a dimensão social do lazer, pois busca o contato com as pessoas, tendo como principal foco a sociabilidade.

Assim, como um instrumento de integração social torna-se capaz de proporcionar maior humanização para os espaços urbanos, que traz como característica o afastamento dos cidadãos, em comparação com as práticas de integração outrora partilhadas no rural.

À medida que o espaço urbano se desenvolve, um modo de vida é partilhado por seus moradores, com características específicas, como o tamanho do agregado urbano, a heterogeneidade e densidade. Conforme explana Wirth (1967), tem-se indivíduos sem laços sentimentais ou emocionais, desenvolvem um espírito de concorrência, engrandecimento e exploração mútua. Essas características permitem um maior distanciamento dos habitantes do urbano. Outrossim, o lazer surge como possibilidade de integração social, sociabilidade e sentimento de pertencimento (LOPES, 2017)

A dimensão social do lazer possibilita a troca entre os moradores da cidade, proporcionando uma maior integração social e ampliação da sensação de pertencimento em relação ao urbano. O fato torna necessário a criação de políticas públicas que transformem não apenas os equipamentos em seu aspecto físico, tal como a revitalização, mas levando em consideração seu aspecto social.

Essa dimensão permite que a ocupação do campo de futebol no equipamento pesquisado se desenvolva nos distintos horários do dia. E conforme a dinâmica social, tem uma mudança no perfil dos sujeitos que o ocupam. Apesar das atividades estarem em constante realização, o que dá o tom no uso, são as pessoas que circunscrevem o lugar, pois os apitos que delimitam as partidas perfazem e se fazem presente independente do horário.

Especialmente aos domingos, os apitos começam a inundar o campo desde às 6h da manhã, delimitando os jogos que acontecem no decorrer do dia. É provável que seja o dia de maior uso desse lugar, absorvendo desde rachas com homens adultos a brincadeiras livres que as crianças realizam entre uma partida e outra. Independente do horário, seja ao anoitecer ou durante o sol do meio-dia, o campo traz para si a presença dos moradores e jogadores.

Observa-se que as relações que se estabelecem dentro desse lugar não estão isentas do contexto social que a delimitam. Assim, os usuários do campo

durante os finais de semana são principalmente homens adultos, pois se trata, em grande medida, do dia que estão de folga do trabalho e utilizam o equipamento para socializar com amigos e vizinhos.

Em vista disso, apesar de o equipamento proporcionar o acesso ao lazer para população que o circunscreve, é durante o final de semana que tem o maior fluxo de pessoas. Possibilitando perceber a relevância desse espaço para a população usufruir da cidade, para além de ser transeunte desta, poder estar e viver o urbano a partir do lazer.

Embora o lazer esteja consagrado na constituição de 1988 como um direito social fruto de mobilização e lutas sociais, na prática, vê-se que se resume a parcelas da população, principalmente por estar atrelado ao lazer de consumo, estando restrito a aqueles que podem pagar. Consoante com a lógica produzida na sociedade capitalista em que tudo se transforma em mercadoria.

Assim, antes de estar consagrado enquanto direito social, existiu uma intensa mobilização de setores progressistas da sociedade na Assembleia Nacional Constituinte (1987). Dentre as propostas apresentadas, tem-se a de Florestan Fernandes que destaca o lazer e seus equipamentos com profissionais qualificados nos bairros de baixa renda e sua importância para a humanização das cidades (LOPES, 2017). Inclusive, essa proposta se relaciona com a realidade proposta no projeto das Areninhas.

No entanto, no contexto geral, o lazer é transformado em mercadoria e realizado a partir do mercado com a exploração de bens e serviços, ao passo que o seu acesso é mediado pelo poder de compra. Esse distanciamento do conceito outrora apontado, em uma associação direta ao consumo, faz o lazer ser percebido a partir da crítica de Nelson Marcellino como o antilazer, sobretudo na realidade após o processo de reestruturação produtiva.

A mais fiel expressão dessa associação pode ser vista a partir da relação que se estabelece com os shoppings centers espalhados pela cidade. O crescimento desse tipo de empreendimento, atrelado à percepção de falta de segurança e a ausência de espaços de lazer, transforma-os em principal lócus de lazer. “A

mercadoria não é apenas uma exceção no mundo do lazer como antes, mas sim a regra quase geral que domina a cena histórica atual” (MASCARENHAS, 2005, p. 140).

3.2 O direito ao lazer na realidade da cidade de Fortaleza

O direito ao lazer é mediado não apenas pela publicação da norma constitucional e demais legislações, mas a sua real efetivação por meio de equipamentos e programações culturais que de fato possibilitem o acesso da população ao seu usufruto. Assim, é o espaço urbano que tem seu principal meio de propagação, ocasionando a transformação da cidade a partir de uma lógica que o traz como tema de relevância.

Apesar de aparecer no Plano Diretor de Fortaleza (2017) como um direito que integra o rol de direitos que versa sobre o direito à cidade, é recorrente o uso deste como meio de proporcionar mudanças no espaço urbano, sobretudo, por meio de obras de revitalização. Entretanto, apesar de se mostrar como uma realidade para a população usuária da cidade de modo geral, as obras têm preferência em ocorrerem em zonas nobres da cidade.

A proposta de distribuição igualitária do acesso ao lazer, após o ordenamento jurídico da constituição de 1988, direcionou-se a partir do Plano Diretor, que iniciou em 1992, mas passou a ser revisto em 2003, impulsionado pela aprovação do Estatuto das Cidades. Em seu conteúdo, o Plano Diretor traz a compreensão legal do que se compreende por direito à cidade, destaca-o como “o direito à terra urbana, à moradia digna, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte, aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” (FORTALEZA, 2009, grifo nosso).

A relevância dada ao lazer pode ser vista a partir de exemplos como as mudanças em toda uma estrutura urbana para a realização do evento da Copa do Mundo. Especialmente, em Fortaleza no ano de 2014, transformaram diversas partes da cidade a partir da percepção de proporcionar espaços para realização do evento, que tem um caráter de lazer, bem como, ser utilizado pela população a posteriori. Somou-se um investimento de R\$9,4 bilhões em Fortaleza e Região Metropolitana, por meio de obras no estádio, mobilidade urbana, aeroporto e portos (CAMPOS, 2022).

A mobilização para realização desse megaevento trouxe demandas não apenas para o Poder Público por meio dos investimentos, pois foi necessário também, que a população participasse “em prol de melhorias para o ordenamento urbano”. Mas ocasionou a remoção de comunidades que se localizavam próxima às vias férreas (CAMPOS, 2022).

Destarte, para compreender o cotidiano das cidades faz-se necessário observar as relações e as espacialidades conduzidas pelo lazer, em vista de seu impacto no ordenamento urbano (CASTELLS, 1983; LEFEBVRE, 2088). Em virtude de sua massificação e reflexo direto na produção do espaço urbano, com tem se mostrado na realidade.

À vista disso, a revitalização dos espaços da cidade aponta para a necessidade de construir formas de usos e promover relações entre esse e os seus principais usuários, por intermédio de políticas públicas de lazer. Seja por meio de mudanças no aspecto físico ao promover trocas que convidam a comunidade ao seu uso.

Sobretudo quando se trata de populações que vivem à margem do direito à cidade, assim, “o Poder Público tem tido intervenções que visam à normatização dessas áreas, para que essas venham a se adequar na legislação urbanística e ambiental”. (ARAÚJO, et. al., 2020)

3.2.1. Projeto Areninhas

Na realidade fortalezense, as políticas de esporte e lazer fica sob responsabilidade da Secretaria do Esporte e Lazer (Secel) e que “deve formular e executar a política municipal de esportes, coordenando, supervisionando e incentivando atividades físicas, desportivas e recreativas como instrumento de inclusão social e promoção do bem-estar físico e psicológico à população” (FORTALEZA, 2016).

Em nível local (cidade de Fortaleza), o esporte e lazer têm vindo a conquistar grande importância como missão do poder público municipal. Com a construção de equipamentos como Areninhas, Miniareninhas e com o fortalecimento da Rede de Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca) e a revitalização de espaços urbanísticos destinados à socialização, por meio da prática de esportes e atividades de recreação e lazer (FECHINE et. al, 2022).

Nesse sentido, tem como proposta democratizar o acesso ao esporte e lazer a partir da participação efetiva da sociedade. Dentre as estratégias de realização de sua proposta, o Projeto das Areninhas tem autoria da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer na gestão do governador Camilo Santana, ex-governador do Estado do Ceará.

Nesse sentido, o território conta com 277 equipamentos no Ceará. Destes, 103 estão espalhados por bairros de Fortaleza, como pode ser observado abaixo. Aponta-se que a proposta do equipamento é estar localizado em territórios com maiores índices de vulnerabilidade social, a fim de proporcionar maior oportunidade de acesso ao lazer para essa população.

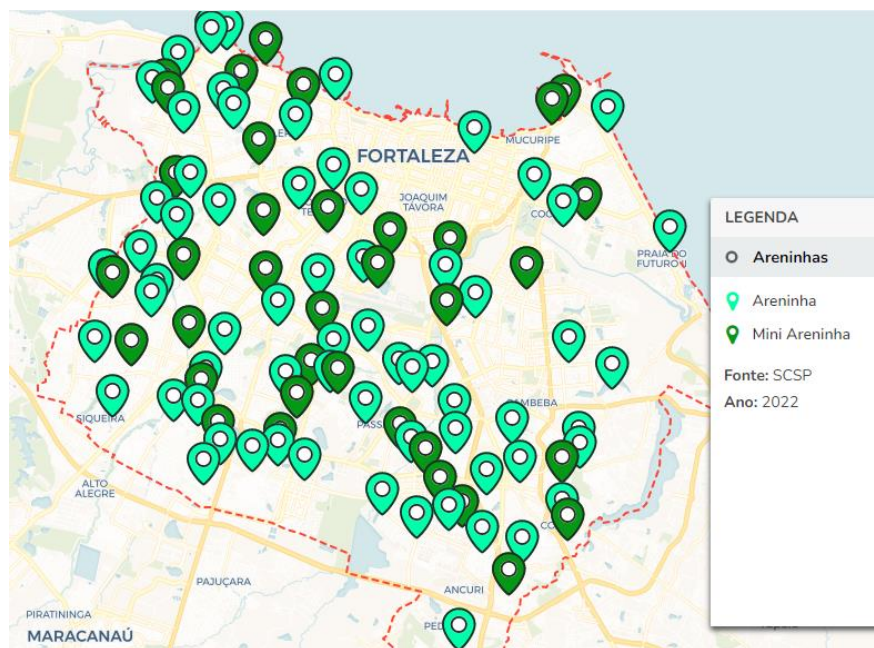


Figura 1: Fortaleza em mapas: areninhas e mini areninhas

Estabelece-se que os equipamentos são de dois tipos, com diferenças entre as dimensões e o custo médio por equipamento. De acordo com essa delimitação, a areninha estudada é a do tipo 2.

TIPO 1	TIPO 2
<p>Equipamento com campo em grama sintética, dois vestiários, depósito, área de banco de reservas e dimensão de 5.696 m².</p> <p>Custo médio: R\$ 1 milhão e 718 mil</p>	<p>É um equipamento multifuncional certificado pela Fifa e com garantia de cinco anos, no qual possui o formato de campo society com grama sintética e dimensões de 20m×40m, depósito de materiais, vestiário e alambrado.</p> <p>Custo médio: R\$ 240 mil</p>

A proposta surgiu em junho de 2014, momento em que ocorria o evento da Copa do Mundo e a entrega da reforma do Campo do América, realizado durante o mandato do Prefeito Roberto Cláudio. O projeto das areninhas tem como proposta urbanizar e requalificar campos de futebol em comunidades com alto índice de vulnerabilidade social e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com a finalidade de oferecer aos moradores um espaço seguro de convivência, lazer e formação de pessoas. (FORTALEZA, 2020). Durante a realização do evento de comemoração de 1 (um) ano de entrega do Campo, o então Prefeito destacou:

Esta é uma experiência vencedora. Transformamos uma área de violência, de crime, de escuridão e sujeira, em uma área para a juventude, de esporte e lazer. Estamos comemorando um ano, com o campo muito bem preservado, não há pichação, a comunidade administra o campo junto com a prefeitura e o que era um campo de violência passou a ser um espaço de alegria e lazer. (FORTALEZA, 2015, s/n).

À medida que o Projeto ganhou forma, passou a ter maior adesão do Governo do Estado do Ceará permitindo que fosse ampliado para demais territórios cearense. Em 2018, durante o lançamento do pacote para a construção de 16 Areninhas na capital do Estado, o então governador Camilo Santana destaca:

Essa é uma das grandes políticas de prevenção à violência, dando oportunidade aos jovens, criando uma dinâmica econômica nessas áreas. O resultado é uma política vencedora, de grandes resultados. Decidimos não só fortalecer e reforçar a parceria com o prefeito, mas, além disso, levar para todo o Estado do Ceará. (FORTALEZA, 2018, s/n).

Nesse panorama, observa-se que a entrega do equipamento se direciona com o objetivo de proporcionar espaço de lazer nas comunidades, principalmente em áreas marcadas pela violência, servindo como meio de prevenção. Igualmente, cria uma dinâmica econômica, pois possibilita que formas alternativas de renda sejam geradas, conforme pode ser observado no equipamento estudado.

Outrossim, ao mesmo tempo que possibilita o acesso ao lazer para a população, em muitos casos, o equipamento se torna o principal lugar de encontro para a população. De acordo com o pontuado pela prefeitura da cidade, as Areninhas devem se destacar como um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã. O principal público a ser atendido pelo equipamento são as juventudes da cidade, com a proposta de oferecer acesso gratuito ao esporte e lazer, por meio de atividades físicas e brincadeiras, a iniciativa estimula a convivência social e a formação cidadã (FORTALEZA, 2020).

O retorno positivo em relação ao Campo América tornou possível a expansão do Projeto das Areninhas para demais bairros da cidade, as Areninhas subsequentes a que foram projetadas se localizam nos bairros: Conjunto Ceará, Genibaú, Conjunto Esperança, Conjunto Palmeiras e Parque Dois Irmãos. Durante o anúncio da realização dos equipamentos, o Secretário de Esporte e Lazer, Mário Lopes, apontou:

Com isso, a Prefeitura de Fortaleza ampliará a urbanização e requalificação de campos de futebol localizados em áreas com grande população de jovens em alta vulnerabilidade social, reduzindo o desequilíbrio social e a violência dessas regiões com o favorecimento da prática esportiva, além de favorecer um ambiente saudável e convidativo para o convívio das comunidades beneficiadas (FORTALEZA, 2015)

De acordo com a fala do Secretário, a proposta foi direcionar o Projeto das Areninhas para localidades específicas na cidade de Fortaleza. Em contrapartida ao que é observado pelas obras de requalificação e urbanização que, em sua maioria, estão localizadas nos bairros nobres da cidade. As Areninhas trazem uma nova perspectiva e podem proporcionar o acesso dessa população a áreas de lazer, que estejam localizadas em seus bairros.

A Areninha que possibilitou a realização dessa pesquisa se encontra localizada no Bairro Genibaú, localizado na zona Oeste da capital. Em relação ao seu IDH, no tocante aos bairros com baixo desempenho, esse aparece com a média de 0,14⁴, ao passo que se pode identificar bairros na mesma cidade com média de 0,95, como Meireles e 0,86 na Aldeota.

⁴ A classificação do IDH varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1 melhor o grau de desenvolvimento humano, e quanto mais próximo de 0 pior o grau de desenvolvimento. A classificação dos componentes do índice (Renda, Educação e Longevidade) também se dá dessa forma (FORTALEZA, 2014).

Assim, o Projeto das Areninhas desenvolvido no Bairro Genibaú tem característica estratégica quando se leva em consideração a realidade da população desse bairro. Apronta-se que “o projeto é considerado uma das maiores políticas públicas de esporte no Brasil e tem atraído interesse de gestões governamentais de outras regiões do país”, assim traz destaque para o esporte, economia e convivência social (MOTA, 2022).

Destaca-se que o equipamento que passa pelo processo de revitalização possui história e relação com a construção do bairro/cidade na qual está situado. Em vista disso, semelhante aos campos de várzeas que surgem próximo aos rios, o “Campo do Sevilha”, como foi durante muito tempo conhecido, surge próximo às margens do Rio Maranguapinho. E ao seu redor, casas foram construídas. Por se tratar de um equipamento que se encontra localizado entre as casas do bairro, apresenta-se como lugar de encontros (ver figura 9).

Os relatos destacam que antes do processo de requalificação, que o transformou na Areninha do Genibaú, este contava com a presença de jovens e moradores (ANA, 40 anos), apesar de ser em menor quantidade, se comparado à realidade vivida atualmente. Aponta que era utilizado principalmente nos finais de semana e feriados, trazendo vida ao equipamento, mesmo que as condições físicas fossem precárias.

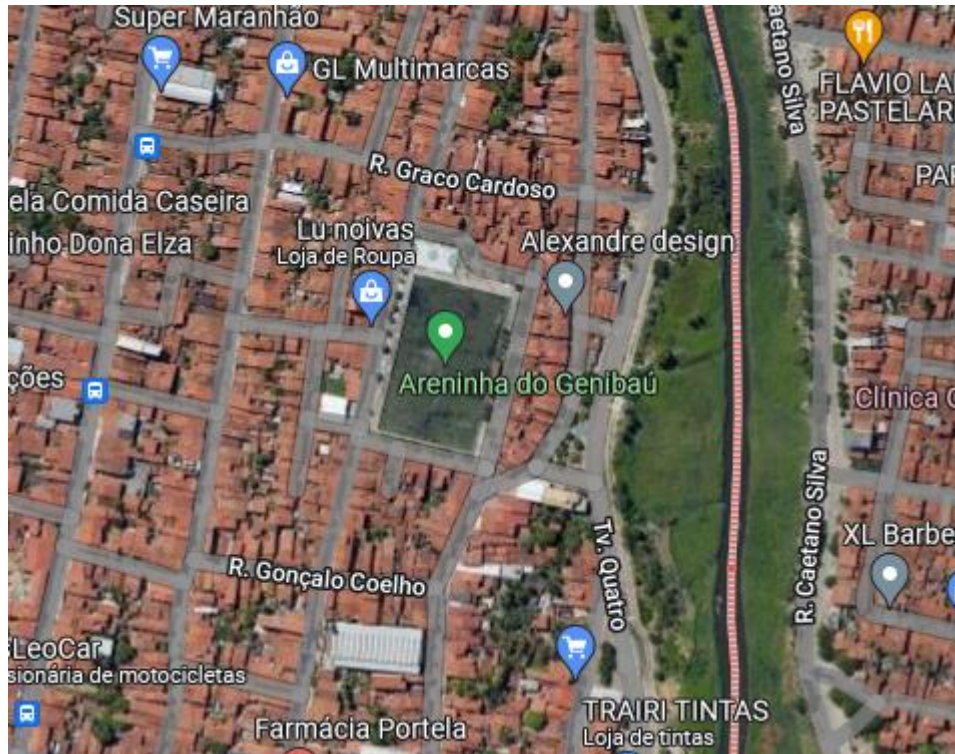


Figura 2: Vista panorâmica do entorno da Areninha do Genibaú

Nesse sentido, o campo que outrora era um “campinho de areia” passou por urbanização e qualificação com obras durante o ano de 2015. A proposta, segundo aponta a Prefeitura de Fortaleza:

O projeto Areninhas, da Prefeitura de Fortaleza, está urbanizando e requalificando campos de futebol em bairros com alto índice de vulnerabilidade social. O objetivo é entregar para a população equipamentos esportivos de qualidade, onde a comunidade possa, além de praticar atividade física, ter um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã (FORTALEZA, 2015).

A transformação pode ser percebida por meio do aplicativo Google Street, que permite visualizar fotos do equipamento antes do processo de requalificação, datando de 2012, conforme pode ser observado nas imagens. Utiliza-se como recurso tais imagens, pois na internet não se torna possível encontrar outras fotos disponíveis que possibilitem ver as modificações realizadas.



Figura 3: Campo do Sevilla (1) em 2012 (antes da reforma)



Figura 4: Lateral da Areninha (após reforma)

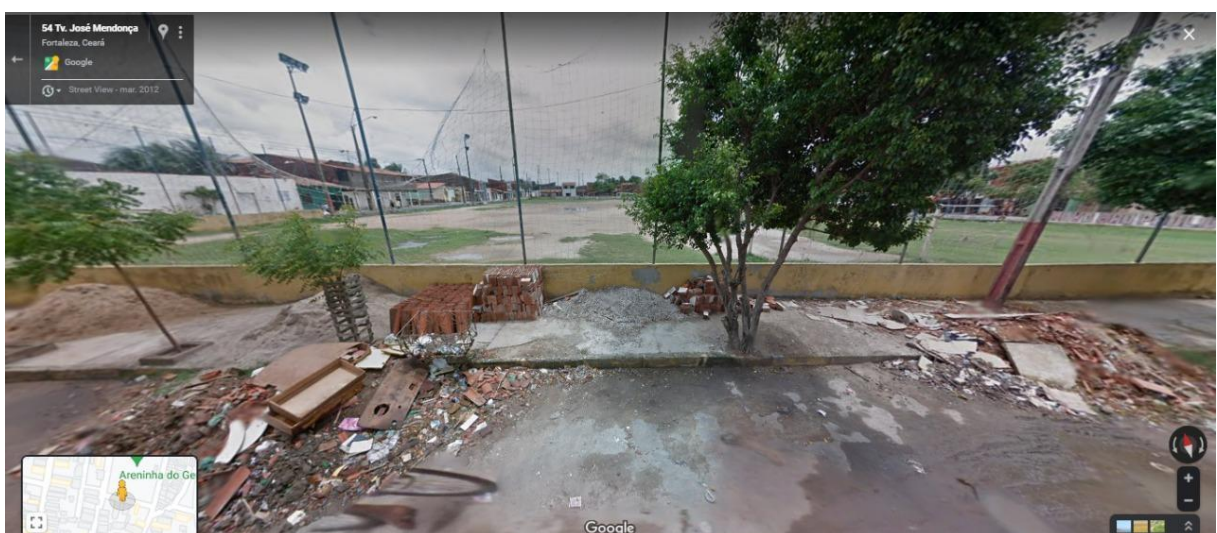


Figura 5: Campo do Sevilla antes da revitalização (2012)



Figura 6: Areninha do Genibaú (2019)

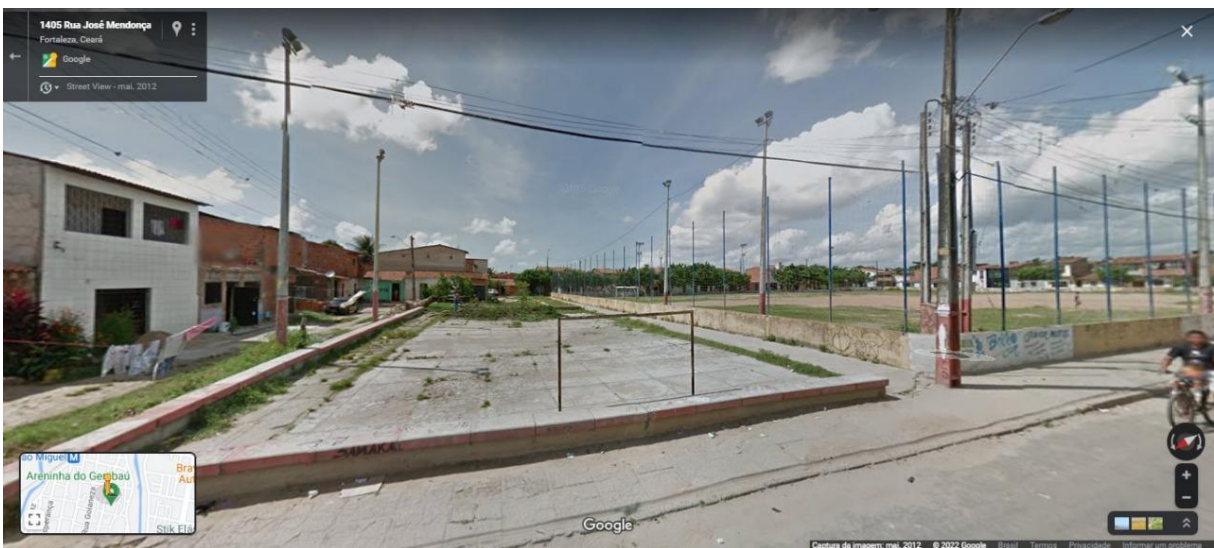


Figura 7: Quadra de futsal antes da reforma (2012)



Figura 8: Quadra de futsal após a reforma (2019)



Figura 9: Quadra de futsal durante a reforma

Conforme observa-se nas imagens, identifica-se a transformação que o espaço urbano vivenciou, não apenas a partir da perspectiva de promover um equipamento para o uso da comunidade. Mas também, de reavivar o espaço que embora fosse utilizado antes, encontrava-se quase que em situação de abandono.

No decorrer dos diálogos realizados com os usuários do equipamento, questionamos sobre como era esse antes do processo de reforma realizado pela Prefeitura em parceria com o Governo do Estado. Destacam que apesar de ser utilizado, conforme já sinalizado, vivenciava um processo de abandono, pois lixo, mato e materiais de construção decoravam o entorno.

A Areninha Genibaú fica localizada na Rua José Mendonça no Bairro do Genibaú, e a terceira entregue pela Prefeitura de Fortaleza é composta por um campo de futebol com arquibancadas, academia ao ar livre e quadra de futsal. A partir da revitalização ganhou gramado sintético, redes de proteção, alambrados, nova iluminação, vestiários e sala de administração⁵.

⁵ Globo Esporte. Aos moldes do Campo do América, Areninha do Genibaú é inaugurada. **Globo**, 2015. <https://ge.globo.com/ce/noticia/2015/12/aos-moldes-do-campo-do-america-areninha-do-genibau-e-inaugurada.html> Acesso em: 05/01/2023.



Figura 10: Identificação do equipamento e seus recursos

O equipamento comporta inúmeras formas de uso. No campo, encontra-se partidas de futebol, brincadeiras livres, projetos como o Atleta Cidadão e rachas. A arquibancada é utilizada pelos espectadores das partidas em campo, mas também é um ponto de encontro dos jovens e utilizada para a Batalha da Arena, evento semanal que realiza batalhas de rap e mc 's. Ademais, o seu entorno é utilizado para venda de comida de rua e pequenos shows. Outrossim, a quadra de futsal é utilizada para partidas livre, realização do carimba e encontro dos jovens.

No decorrer da semana, observa-se o uso do equipamento principalmente no horário noturno, fazendo-se presente pessoas de todas as faixas etárias, sobretudo, o público jovem, que também se destaca, como público que direciona a política de promoção das areninhas. Aos finais de semana, o uso encontra-se diluído, apesar de permanecer o período noturno como o mais frequente.

A bibliografia aponta para a necessidade de construir equipamento em localidades distintas do que as que normalmente recebem, conforme já discorrido. Outrossim, destaca-se que a entrega deste não garante que a população faça uso

dele, sobretudo quando tomamos por evidência o contexto na qual está inserido. O que torna urgente a realização de projetos, a fim de apresentar a comunidade as formas de uso do equipamento e proporcionar que tenha um reflexo no contexto de violência que tenciona o cenário urbano.

Em relação ao primeiro ponto, o Projeto Atleta Cidadão surge com a proposta de “oferecer à população de 8 a 29 anos da cidade, a realização de atividades físicas, lazer e prática regular de modalidades esportivas (Futebol, FUTSAL, Vôlei, Basquete, Duathlon, Beach Soccer, Atletismo/Natação adaptada), favorecendo a integração interpessoal assim como também, democratizando o acesso ao esporte” (FETRIECE, 2022).



Figura 11: Imagem da Prefeitura de Fortaleza – Projeto Atleta Cidadão

O projeto da Prefeitura de Fortaleza é executado pela Federação de Triathlon do Estado do Ceará (FETRIECE). Na prática, o Atleta Cidadão e Areninha surgem ao mesmo tempo, a saber: ano de 2014, como uma forma de promover o acesso ao lazer da população que vive em localidades com baixo IDH. Ao mesmo tempo que promove acesso a atividades esportivas.

O Projeto conta com cem (100) núcleos espalhados pela cidade, onde ocorre a realização de atividades físicas, lazer e prática regular de modalidades esportivas (Futebol, futsal, vôlei, basquete, duathlon, beach soccer, atletismo) favorecendo a integração interpessoal assim como também, democratizando o acesso ao esporte. O Projeto social atende atualmente pouco mais de sete

(7) mil crianças e adolescentes espalhados por todas as regionais da cidade de Fortaleza – CE, o projeto conta com professores formados em Educação Física e estagiários que são estudantes da área em todos os seus núcleos (ABREU, 2021, p. 19).

Na pesquisa, além dos diálogos com os usuários do equipamento, foram utilizados os documentos disponibilizados pela Prefeitura da cidade, a bibliografia que percorre as discussões suscitadas. Observa-se também os apontamentos levantados pelos próprios usuários por meio de sua avaliação através da Plataforma do Google. Essa fonte de dados possibilita discutir sobre como se tem percebido o equipamento, a fim de ampliar o olhar para as formas de uso desse. Pois, à medida que limitamos a análise apenas aos usuários que se mostram disponíveis no momento do estudo em campo, deixamos de visualizar os demais discursos feitos sobre o equipamento.

Em adição ao material disponível na internet, como os discursos feitos pelo Secretário de esporte e lazer, prefeito e governador. Esses possibilitam compreender como o acesso ao lazer não se limita a construção do equipamento, mas a real possibilidade de uso desse em meio a uma realidade perversa que cotidianamente faz vítimas, sobretudo, tendo as juventudes como principais alvos.

Na imagem (abaixo), pode-se visualizar as avaliações públicas feitas sobre a Areninha do Genibaú.



Figura 12: Comentários realizados através do Google Maps (06/dez/2022).

À proporção que os diálogos com os usuários do equipamento são delimitados, pois depende da sua presença no momento das observações, aponta-se como importante a avaliação realizada pela plataforma do Google. Em vista disso, os dados coletados, no dia 06 de dezembro de 2022, apontam que a principal associação que se faz em relação ao equipamento é sua importância para o lazer da comunidade, como espaço para realização de esporte, diversão, jogos e lugar para se estar com a família.

Em seus comentários, identifica-se colocações positivas em relação ao equipamento, pois possibilita um lugar de encontros, seja para a prática de esportes ou mesmo para estar com a família. Ao passo que se tem reclamações em relação à não manutenção do equipamento e a insegurança. Nesse sentido, o Projeto das Areninhas tem impacto sobre o acesso ao lazer dessa população, em que não se limita apenas ao bairro circunscrito ao equipamento pesquisado, mas para as demais localidades que fazem fronteira.

Outrossim, manifesta-se a ausência de manutenção do equipamento e a necessidade de articulação com as demais políticas públicas para possibilitar o direito à cidade de sua forma mais ampla. Vê-se que os comentários destacam a relação da insegurança como um ponto negativo que tenciona o estar no equipamento.

De fato, a violência se mostra presente na realidade das Areninhas da cidade, sobretudo, pois não se pode separar essa da realidade local do urbano. A realidade mostra esse espaço também como meio em que ocorre a violência e de forma proposital ou não, os programas policiais e jornais utilizam para estampar em suas manchetes. Como se pode perceber na publicação feita sobre "Jovem é executado durante partida de futebol em Areninha de Fortaleza" veiculada em 2022, ou "criminosos interrompem partida de futebol na areninha e matam jogador" (2021). Essas estampam o que diversas outras traz em seu conteúdo, uma relação direta entre a violência e os espaços da cidade, nesse caso, as Areninhas.

Assim, apesar de não vivenciarem de forma direta a violência, ou seja, serem vítimas da barbaridade veiculada na cidade, a partir das notícias e relatos, os moradores constroem uma narrativa sobre o espaço. Inclusive, requerendo do Poder Público o direito à segurança. Dessa forma, possibilitar o acesso ao lazer para a população urbana não se limita a realização de projetos e a promoção da revitalização

dos espaços, mas carece da articulação das políticas públicas e a criação de condições para que esse se efetive.

Pois, conforme apontam as pesquisas, à medida que o medo, seja refletido na insegurança ou na violência, torna-se um obstáculo do acesso à cidade, amplia-se o acesso de equipamentos como shoppings centers que são ofertados e associados a maior segurança e o acesso ao lazer mediado pela compra. É nesse sentido, que se faz essencial a articulação das políticas públicas que proporcionem não apenas o equipamento para a comunidade, como se apenas a sua construção se mostrasse suficiente. Mas que possibilite a sua permanência e a manutenção contínua.

Em relação a proporcionar uma maior aproximação dos usuários ao equipamento, observa-se a tentativa de promover projetos sociais, como é o caso do Atleta Cidadão. Que, de certa forma, rompe com a lógica de apenas realizar a revitalização como é comum nas obras públicas. Pois, permite contribuir para o acesso aos esportes e a forma de sua realização na realidade local.



Figura 13: Projeto Atleta Cidadão realizado na Areninha Genibaú

É nesse sentido que os avaliadores presentes na plataforma do Google exigem manutenção para o equipamento, pois não é suficiente apenas a entrega, mas se faz necessário cuidar e promover melhorias contínuas, assim, a comunidade entende também o seu papel enquanto usuária do equipamento.

O direito ao lazer, expressão do direito à cidade, contribui não apenas para melhoria da qualidade de vida da população, mas permite que haja uma sociabilidade

e promova a integração social das localidades, por meio de laços e trocas. Ao mesmo tempo que promove a democratização da cidade e de seus espaços.

Outrossim, o projeto das Areninhas contribui para ampliar a possibilidade de acesso ao lazer. Entretanto, se compreendemos o direito à cidade de forma mais ampla, percebe-se a incapacidade de apenas um projeto promover o direito à cidade. Ao se perceber de uma forma mais ampla, quando não integradas às políticas públicas que modificam o urbano, o resultado é o deficitário acesso ao direito à cidade.

Os espaços públicos como a praça, o parque, o campo de futebol é referencial na comunidade como ponto de encontro para a caminhada diária, a conversa com os amigos, o encontro de grupos de convivência, o joguinho do campeonato do fim de semana, enfim, locais de extrema importância na sociabilidade e integração de crianças, jovens, velhos e adultos da comunidade/bairro. (CEARÁ, 2020)

A relevância do projeto é uma realidade, tanto que se ampliou para além da capital do estado, migrando para as demais cidades do território cearense. Ao mesmo tempo que durante os diálogos e nos relatos apresentados através do Google, a narrativa da população é direcionada para importância desse equipamento no bairro. Resulta, pois, em uma possibilidade de acesso ao lazer para essa população.

4 A CIDADE COMO LUGAR DE ENCONTROS: USOS DO EQUIPAMENTO

Neste capítulo, discute-se a respeito das transformações ocorridas no espaço urbano, pretende-se, especialmente, compreender como a cidade figura como principal símbolo do mundo moderno, em que a influência do contexto mundial reflete na realidade local. Em vista disso, propor diálogos sobre os usos dos espaços urbanos, em especial, na Areninha do Genibaú da cidade de Fortaleza, a partir de duas principais expressões: a comercialização de comida de rua e a batalha do rap, que reflete o uso da cidade pelas juventudes e nuances do mundo global.

4.1 A emergência da cidade e o contexto fortalezense

A cidade para Rolnik (1995) é, antes de tudo, sobre o sentir, fenômeno que não está apenas no domínio material, mas que afeta os sujeitos de formas singulares. Estando em constantes transformações sofre influência do contexto que a circunscreve, seja local ou global. De fato, apesar de surgir antes do capitalismo, é nesse cenário que emerge como símbolo do mundo moderno, por meio dos fluxos migratórios e das mudanças ensejadas pelo modo de produção capitalista.

Os estudos etnográficos sobre a cidade ganham destaque a partir da Escola de Chicago, entretanto, a dificuldade em defini-la se mostra uma realidade. Conforme aponta Wirth (1967) a partir dos seus estudos sobre o urbanismo como um modo de vida, a cidade não é apenas a moradia e o local de trabalho, mas “é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo” (WIRTH, 1967, p. 89).

No contexto Europeu, a Revolução Industrial transformou a relação que se estabelece com o espaço urbano, que acarretou o êxodo rural e fez migrar milhares de sujeitos em busca de postos de trabalho nas fábricas. O inchaço da cidade ocasionou diversas problemáticas que essa não era capaz de responder, tais como as epidemias de doenças devido a insalubridade, bem como a ausência de estrutura física para responder a necessidade dessa população. Ao passo que a cidade se transforma, tem-se formas de controle sobre seus espaços, tornando-se um centro controlador da vida.

Dessa forma, tal fator articulado com a concentração de pessoas e trabalho, torna os processos de “industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social. Os dois aspectos deste processo, inseparáveis, têm uma unidade, e, no entanto, o processo é conflitante” (LEFEBVRE, 2001, p. 16). Ao passo que as indústrias se desenvolvem, a cidade é transformada e urbanizada, ambas como polo indissociável do capitalismo.

A partir do objetivo de defini-la, Wirth (1967, p. 95) aponta como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”. Para o autor, são três eixos que se confluem para pensá-la: a extensão do território, a densidade e a diversidade presente neste cenário. Entretanto, a expansão das cidades não é uniforme, pois apresenta características distintas a depender do contexto.

Em relação ao espaço brasileiro, tem-se um surto industrial a partir de 1880 atrelado a imigração de europeus para o país como mão de obra, deixando a população recém liberta à própria sorte (FERNANDES, 2008). A industrialização no Brasil não se deu uniformemente, mas alguns polos centrais foram mais significativos para esse período, como São Paulo.

Pode-se tentar definir de diversas formas a ‘cidade’. Porém é comum a todos apresentá-la por um estabelecimento compacto (ao menos relativamente), como uma localidade e não casarios mais ou menos dispersos. Nas cidades, as casas estão em geral muito juntas, atualmente, via de regra com as paredes encostadas. A ideia corrente traz, além disso, para a palavra cidade outras características puramente quantitativas, quando diz por exemplo, que se trata de uma grande localização. (WEBER, 1967, p. 68)

A relação de desenvolvimento industrial e a urbanização se estabelece a partir da segregação, seja em relação aos postos de trabalho que serão ocupados, em sua grande maioria, pela população europeia que migra para o país, à ocupação dos espaços da cidade, que se dará de forma a segregar, ao criar fronteiras imaginárias que definem o lugar de cada pessoa na cidade (ROLNIK, 1995). Reverbera em uma produção desigual das cidades tanto a partir da especulação imobiliária quanto do êxodo rural.

O crescimento desordenado no urbano provoca vivências que são experienciadas por marcadores sociais, como gênero, questões étnico-raciais,

sexualidade, território e classe social, que se articulam também como relação de poder expressos no urbano, enquanto unidades indissociáveis (HIRATA, 2014).

Em vista disso, identificá-las por uma proposta interseccional permite compreender como se relacionam e constroem formas cada vez mais complexas de se pensar sujeitos e a sociedade, e assim, identificar correlações que afetam o viver no urbano. Que se complexifica, sobretudo, porque na sociedade que vivemos esses marcadores se manifestam também em questões de desigualdade social, opressão e resistências.

Nesse ensejo, as pesquisas sobre o espaço urbano requerem uma análise que leve em consideração as dimensões de gênero, raça/etnia, território e classe social a fim de proporcionar novos conhecimentos sobre essa realidade que é dinâmica e perpassada pelos marcadores sociais. A cidade como lugar de disputas, seja em relação ao seu valor de uso ou de troca (MARICATO, 2015), produz fronteiras físicas e simbólicas expressas na segregação social, violências e opressões, desde explícitas na legislação, a penalidades e sanções que apesar de não estarem na lei, demarcam lugares (ROLNIK, 1995).

[...] A reprodução infinita do projeto-padrão na cidade reforça a norma. Assim, para o planejamento urbano, as favelas e áreas de invasão, assim como os cortiços e os quintais, são habitações subnormais. Geralmente, o que o planejamento urbano chama de subnormal, a polícia chama de marginal e o povo em geral de má vizinhança, que desvaloriza o bairro (ROLNIK, 1995, p. 68)

No contexto da América Latina, esses marcadores sociais são inseridos no espaço urbano. Em vista disso, o processo de urbanização e industrialização desse continente, contou especialmente com o fenômeno de expansão demográfica a partir dos anos de 1960, trazendo fortes fluxos migratórios da população rural à cidade, espaço, antes anunciado como possibilidade de melhores condições de vida, desde saneamento básico ao acesso à educação (BRICEÑO-LEÓN, 2005). Não foi capaz de responder às demandas dessa população, jogando-as à própria sorte para suas franjas, ou seja, periferias da cidade (MARICATO, 2015).

Dessa forma, eles foram marginalizados e, sem alternativas, ocuparam zonas de risco, como os morros, onde os serviços públicos como luz, água e saneamento básico não eram fornecidos, além de educação, saúde e lazer. Essa ocupação deu-se de forma desordenada e aglomerada em diversas capitais, onde a população negra foi da escravidão diretamente para a exclusão social, iniciando um processo urbano que ficou conhecido como favelização (ARAÚJO et. al. 2020, p. 9).

Na contemporaneidade, o reflexo dessa desigualdade é sentido pela população negra e indígena que enfrentam a precarização e são as principais vítimas do juvenicídio, que no Brasil, se produz associada às identidades "desacreditadas". A organização da estrutura social ocidental e capitalista possibilita que esses jovens sejam eliminados e representem os mais afetados pelo desemprego e subemprego (ARCE, 2018).

Outrossim, são as principais vítimas de homicídio onde 30.873 mil jovens entre 15 e 29 anos foram assassinados no Brasil em 2019. Sendo essa a principal causa dos óbitos da juventude masculina e que atingem especialmente os moradores de periferia e áreas metropolitanas dos centros urbanos, em sua maioria pretos e pobres (IPEA, 2020).

Observa-se que o cenário urbano é o lugar de maior vulnerabilidade para as juventudes envolvendo dimensões do racismo estrutural, capitalismo e cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019). Sobretudo, ao relacionar gênero, enquanto construção sociocultural (OYĚWÙMÍ, 2004) e cidade, percebemos os efeitos que atinge às feminilidades e masculinidades de distintas formas no urbano.

Mundialmente, as mudanças gestadas nesse modo de vida, que em 2009 marca a inversão em relação à quantidade de pessoas que moram no campo e na cidade, tornando essa demograficamente superior (GONÇALVES, 2019). Atrelado não apenas a questão demográfica, mas também, sobretudo após 1980, ao processo de globalização e reestruturação produtiva. Altera-se, portanto, a forma com que as cidades adentram a esfera mundial, como podemos observar com as cidades globais, ao passo que exige novos indivíduos como seus habitantes (SASSEN, 1991).

No Brasil, tem-se o processo de urbanização marcado pela marginalidade, em que a precariedade das habitações é a regra, surgindo a favela como solução a necessidade de abrigo (OLIVEN, 2010). Outrossim, a urbanização é marcada por baixos salários, em que os próprios indivíduos constroem suas residências, sem Estado e mercado como mediadores. No entanto, tal solução mostra-se insuficiente, ao passo que para morar na cidade, faz-se necessários outros serviços para além da moradia. Nesse sentido, as periferias vivenciam um

processo de abandono tanto em relação à habitação, quanto com a ausência de estruturas básicas (MARICATO, 2015).

[...] Acontece que a ocupação desse chamado espaço urbano é alvo de uma eterna luta de classes dentro das cidades. Historicamente, as populações menos favorecidas ocupam as periferias das cidades, onde o direito à cidade é mais negligenciado, pois falta, na maior parte das vezes, infraestrutura e urbanização (MARICATO, 2014, s/p).

As transformações não se dão apenas no âmbito do material, mas afetam os indivíduos sobremaneira. Pois a cidade exige novos habitantes, provocadas pela nova estrutura global, como podemos observar nas discussões de Sassen (2005) ao apresentar características das cidades globais e seus cidadãos, marcados pelo alto nível de profissionalização, terceirizados, em que apresentam maiores taxas salariais.

A vida mental também será transformada - como resposta à especialização do trabalho que provoca a diferenciação e dependências dos indivíduos aos outros - em sua base psicológica gerada pela intensificação dos estímulos nervosos que implica na necessidade de uma atitude blasé, ou seja, uma forma de se autopreservar dentro desse cenário repleto de estímulos (SIMMEL, 1978). Assim, vê-se que a cidade é influenciada por diversos contextos, sobretudo quando pensamos a dimensão econômica que tenciona e modifica o uso do espaço urbano, seja em relação ao acesso à terra, seja em relação ao uso da cidade.

À medida que a realidade urbana é transformada, estudos sobre o ordenamento urbano passam a estarem associados à denúncia das violências e opressões que a acometem, mas perderam de vista as dinâmicas sociais que se fazem presente na contemporaneidade (TELLES, 2015).

De fato, é dentro desse cenário que emerge a proposta da pesquisa, contribuindo para uma análise que compreende o espaço urbano como diverso, não apenas quando se observa a relação centro-periferia, mas compreendendo que as diferenças também se perfazem nas periferias, pois não se trata de um todo homogêneo. Ao mesmo tempo, torna-se importante compreender que os influxos globais têm reflexos nessa realidade, mas se reconfiguram e se transformam.

[...] ao invés de partir de definições pré-codificadas sobre os territórios nos quais transitamos em nossas pesquisas (“a” favela, “a” periferia, “as” ocupações), trata-se de perscrutar as lógicas de produção dos espaços

urbanos e os jogos situados de escala, inscritos em cada um dos contextos, como campos de agenciamentos sociourbanos, de práticas sociais e conflitos (TELLES, 2015).

A partir da construção democrática da cidade, tendo como marco a Constituição Federal de 1988, essa realidade que segrega e aprisiona precisa ser transformada, com uma tentativa de possibilitar acessos igualitários para a população. É por meio de políticas sociais que parte dos impostos arrecadados são transformados em salários indiretos e se revertem em transformações urbanas em busca de proporcionar melhores condições de vida e habitabilidade.

Nesse sentido, ao passo que localmente evidencia mudanças em sua conformação, podemos destacar o processo de revitalização dos espaços urbanos, conteúdo presente em quase todas as campanhas de governo. A proposta está, em sua grande maioria, no processo de revitalização ou renovação dos espaços da cidade. Em que frequentemente, os espaços da cidade escolhidos para essas mudanças são os “deteriorados” ou “áreas de risco” (TELLES, 2015).

Especialmente, na cidade de Fortaleza, as transformações/revitalização/urbanização são recorrentes, desde propostas governamentais para “valorização de áreas para uso público, tais como parques e praças representam, recentemente, o reforço a formas de convivências que associam a propostas de gentrificação e tentativas [...] de dinamização de espaços considerados abandonados” (BARREIRA, 2019, p. 51-52)

A realidade se mostra recorrente e perceptível à medida que adentramos no espaço urbano e deparamo-nos com diversas obras públicas, em sua maioria, mostra-se presente durante os quatro anos de governo dos representantes políticos eleitos. Ou mesmo, obras públicas que dependiam de espaço temporal delimitado, como foi (é) o caso das obras da Copa do Mundo de 2014.

Para entrar no contexto mundial, a cidade é transformada não apenas a partir da necessidade dos seus habitantes, mas a partir de uma demanda que a coloque em destaque para responder às necessidades globais que surgem. É a partir de uma infraestrutura capaz de absorver o processo de globalização. Não apenas para responder aos ditames do mercado internacional (SASSEN, 2005).

A proposta é que as mudanças ensejadas no espaço urbano sejam capazes de promover o desenvolvimento, sobretudo a partir da indústria automobilística, que transforma a cidade ao criar vias e mais vias para fazer percorrer o automóvel e o mercado imobiliário.

Em decorrência disso, ao invés de as obras promoverem o acesso e melhores condições de vida para os habitantes do urbano, continuam a criar novas fronteiras urbanas para os circuitos do mercado, refletindo no processo de expulsão da população pobre de determinados espaços da cidade, bem como transformando-a em empreendedores, conforme salienta Telles (2015).

De outro lado, fenômeno mais recente, e ainda a ser bem entendido: nos ditos territórios da pobreza, vem se dando a promoção do chamado empresariamento popular, mobilizando toda uma plethora de instrumentos, mecanismos e mediações e, sobretudo, programas de microcrédito em boa parte promovidos pelos principais bancos privados do país. Em linhas gerais, são programas regidos pela agenda do chamado combate à pobreza pelas vias do mercado. Na prática, trata-se de transformar os “pobres” em operadores do mercado, empreendedores capazes de transformar as circunstâncias locais em “oportunidades de mercado”.

Na realidade, as configurações urbanas têm impactado não apenas o aspecto econômico, mas se mostram presentes nas “formas de sociabilidades, valores e estilos de vida” (FILHO, 2019, p. 205). Passando as referências sobre as cidades serem insuficiente para analisar o contexto de grandes transformações.

Diante dessas mudanças, os reflexos são sentidos de formas diversas nos territórios, conforme salienta Telles (2015), observa-se um processo de empreendedorismo nos territórios das periferias, como se propuseram a solução para o desemprego estrutural, a partir da realidade vivida pelos sujeitos. Outrossim, no contexto Fortalezaense, torna-se possível compreender como esse discurso reverbera no cotidiano dos trabalhadores informais, sejam vendedores ambulantes, que crescem exponencialmente ou os vendedores de rua.

O reflexo dessa realidade é perceptível no equipamento da Areninha, pois conta com a comercialização informal de comida de rua, inclusive, presente nas ruas que dão acesso ao equipamento. É sabido a partir das falas evidenciadas pelos governantes que essa realidade se mostra como esperada, tornando o equipamento não apenas um espaço de esporte e lazer, mas que possibilita a criação de fontes alternativas de renda e trabalho.

O desemprego estrutural se mostra presente na realidade de milhares de brasileiros, em especial, para aqueles com baixa qualificação que ficam sujeitos a trabalhos precários e informais (ANTUNES, 1995). De forma semelhante, a crescente de trabalhos informais que se espraiam pela cidade, desde vendedores ambulantes aos que utilizam determinados espaços da cidade como meio para vender comida de rua.

Enquanto elemento cultural, a venda de comida de rua se mostra como meio de sobrevivência de famílias ao redor de toda a capital fortalezense, portanto, torna-se comum a venda de churrasco e pratinhos entre as esquinas das ruas da cidade. Especialmente, observamos que essa realidade se apresenta como um elemento relevante, enquanto uma forma de uso e apropriação dos espaços urbanos. Essa realidade é vivida nas diversas Areninhas da cidade, mas importa-nos, especialmente o campo em análise.

Todos os dias os(as) vendedores montam seu pequeno estabelecimento ao redor do campo, iniciando as atividades à medida que o sol regride no céu e a noite começa a aparecer. Ao montar seus espaços, observamos presenças tanto feminina, como masculina dos vendedores(as).

Durante as observações estivemos acompanhando o trabalho realizado por tais sujeitos, em que se tornou possível dialogar sobre a prática e sobre a frequência com que realizam o trabalho. Em sua maioria, os(as) vendedores(as) se fazem presente todos os dias da semana, mas também existem aqueles(as) que realizam a atividade apenas no final de semana, por destacarem serem esses os dias de maior movimento.

Assim, observamos que a maioria das barracas são formadas por pessoas da mesma família, podendo gerar uma fonte de renda alternativa ao mercado formal de trabalho. Em que destacam ser complicado devido a ausência de formação escolar ou acadêmica, ou seja, o trabalho informal surge como forma de sustento e meio de driblar o desemprego.

Durante o pouco tempo que passei na cidade de Fortaleza, circulei pelas zonas ricas e pobres e percebi o seu crescimento urbano desenfreado, o contraste urbano, a apartação social e a violenta explosão demográfica, a pobreza, a precária mobilidade urbana, o crescimento da criminalidade e tantos outros problemas. Temos, hoje, uma cidade abarrotada de gente sem

emprego (ou com empregos precários) e tantos outros problemas (FILHO, 2019, p. 224).

Esse elemento não se mostra único no campo em análise, na verdade, observa-se nos estudos de Sassen (2005) que nas cidades globais a lógica tem sido de uma maior especialização do trabalho, ao passo que se observa uma elevação da desigualdade social. Bem como, tal realidade é ainda mais complexa quando se observa o contexto brasileiro e sua realidade de capitalismo dependente. Nesse sentido, evidenciamos que o contexto global e local da realidade que modifica a cidade, especialmente, em relação ao mercado de trabalho reverbera no tecido urbano em sua amplitude.

Identificamos, assim, que apesar de proporcionar o acesso ao lazer por meio da construção/revitalização do equipamento enquanto direito garantido no ordenamento jurídico. O direito à cidade não se mostra uma realidade para toda a população, pois ao passo que possibilita seu acesso, parte dos moradores e usuários do equipamento ainda precisam construir formas de alternativas de trabalho no mercado informal, que também é refletido pela ausência de garantia de direitos relacionados ao trabalho.

Ao passo que a realidade apontada tem se mostrado como uma possibilidade de efetivação ao direito à cidade, sobretudo em relação ao uso do espaço público e de seus equipamentos. Observa-se também que demais atores sociais utilizam esse espaço como lugar para dormir e descansar, especialmente a população em situação de rua.

Todas as pessoas que vivem na cidade são cidadãos? Não é bem assim. Na verdade, todos têm direito à cidade e têm direito de se assumirem como cidadãos. Mas, na prática, da maneira como as modernas cidades crescem e se desenvolvem, o que ocorre é uma urbanização desurbanizada. [...] Direito à cidade quer dizer direito à vida urbana, à habitação, à dignidade. É pensar a cidade como um espaço de usufruto do cotidiano, como um lugar de encontro e não de desencontro (JACOBI apud Tavorari, 2016, p. 99).

Revela-se, pois, que à medida que a cidade é pulverizada por novas centralidades, que outrora se limitavam apenas aos centros urbanos. Parte dos dilemas presentes nessas áreas são espalhadas pelo ordenamento urbano, tornando possível que a população em situação de rua, apesar de em menor quantidade, se mostre presente principalmente nas praças e equipamentos da cidade. Essa realidade

é refletida no equipamento da Areninha que corriqueiramente é utilizado como lugar para dormir pela população em situação de rua.

A contradição na cidade é evidenciada também ao redor do equipamento, uma vez que apesar de promover formas de acesso ao lazer, questões como a ausência de moradia ainda é vivida por parte de seus habitantes. Vê-se o reflexo da problemática de responder às questões do urbano somente a partir de projetos ou programas de forma isolada das demais políticas públicas, ou seja, tem-se a promoção de acesso a determinados direitos, mas é insuficiente em outras questões que são essenciais para a vida em sociedade.

Assim, reafirma a máxima apontada pelo estudo de Renato Pequeno em que “reitera-se a hipótese que esses processos atestam o predomínio cada vez maior do projeto urbano sobre o processo de planejamento” (PEQUENO, 2021, p. 74).

Em contrapartida, apesar de crescer enquanto economia a partir do Produto Interno Bruto, a riqueza produzida na cidade de Fortaleza não é revertida em acesso à cidade e assim na redução da desigualdade (PEQUENO, 2021). Mas o resultado tem sido o investimento desarticulado com as demais políticas públicas. Pois, à medida que questões como a violência, ausência de condições básicas para as famílias, como habitação e trabalho, figuram como predominantes nos territórios alvos das políticas de lazer, esta não consegue responder ou se realizar de forma ampla.

As contradições presentes no urbano resultam também da diversidade de pessoas e modos de vida que partilham o mesmo aglomerado. Essa diversidade é expressa em forma de conflitos. Este é um elemento que se faz presente no espaço observado, sobretudo em se tratando de finais de semana e feriados em que parte dos usuários do espaço o usam no intuito de prover festividades. Estas que são desde músicas ensejadas por carro de som à música ao vivo, apesar de proporcionar momentos de lazer, traz também desentendimento entre os moradores.

Durante as observações e diálogo com os moradores do equipamento, esse é o ponto apontado como de extrema problemática. Visto que durante determinados dias da semana o uso do som alto se faz presente durante à noite e

toda a madrugada. Nesse sentido, as festividades que aglutinam parte dos moradores, mostram-se também como negatividade em relação ao convívio em coletivo.

4.1.1 Contexto fortalezense e realidade ao redor do equipamento

Especialmente, a cidade de Fortaleza caracterizada como 100% urbana tem, segundo os dados de 2020⁶, uma população de 2,6 milhões de habitantes divididos por seus 121 bairros. Desses habitantes, 720 mil são jovens entre 15 e 29 anos. Está dividida administrativamente em 12 Secretarias Executivas Regionais, que vão de 1 a 12, e compõem a Secretaria Municipal da Gestão Regional⁷. (FORTALEZA, 2020) Especialmente, o equipamento pesquisado está localizado no Bairro Genibaú, na Regional 11, em que faz parte do território 38, juntamente com o Conjunto Ceará I e o Conjunto Ceará II.

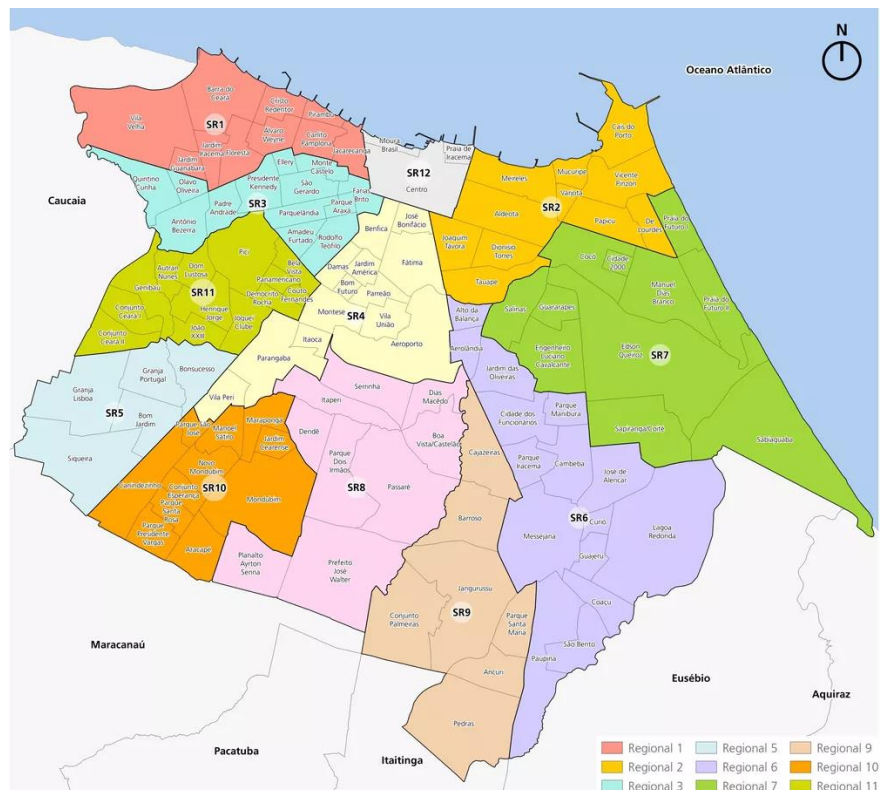


Figura 14: Regionais da cidade de Fortaleza

O Bairro Genibaú tem 41 anos de história e seu surgimento se relaciona com a moradia próximo ao Rio Maranguapinho, em que as primeiras famílias

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Dados de 2020. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/0001/Apresentacao_Fortaleza_1.pdf Acesso em: 28 jan. 2023.

⁷ Aponta-se que até o ano de 2021, a cidade era dividida a partir de seis regionais e Sercefór (totalizando sete). Entretanto, a partir dessa data, passou a ser subdividida em 12 regionais,

recorreram às margens do rio para ter acesso à terra. Esse processo não está desarticulado da história da cidade, especialmente quando tomamos por referência as grandes secas que assolaram o Ceará durante a década de 1915 e as posteriores e a formação da cidade que ocorreu a partir da segregação social (RIOS, 2014).

As secas que castigavam o sertão alinhadas à produção algodoeira, transformou questões climáticas em políticas, econômicas e sociais. Assim, a seca emerge como expressão da questão social e tensiona a emigração do sertanejo do campo à cidade como estratégia de sobrevivência. Ao chegar à capital fortalezense, esses retirantes buscam meios para sobreviver e garantir a sua alimentação. Observam, sobretudo no trabalho, uma forma de matar a fome, quando não o conseguiam, passagens para outros estados ou qualquer tipo de assistência eram vistas como estratégias (RIOS, 2014).

O trabalho era uma reivindicação feita pelos retirantes ao Governo. A esmola era vista como vergonhosa e até mesmo invadir casas não era visto como crime, pois o sertanejo procurava sobreviver e matar a fome que o acometia. A ampliação da quantidade de retirantes na cidade começou a pressionar as classes dominantes e passaram a se questionar em como poderiam resolver essa problemática e essa discussão aproximou os grupos políticos. No entanto, fazia-se necessário construir estratégias sutis e sofisticadas, pois a imagem que apresentavam da cidade era civilizada.

Nesse sentido, construíram algumas soluções como os campos de concentração e frentes de serviço. Isso porque, diferente do que havia acontecido em 1877 que uma das principais estratégias era o envio dos sertanejos para outros estados da união, a partir de 1915, via-se como prejuízo econômico. Essa questão se dava porque a classe dominante utilizou a seca e o flagelo como uma forma de envio de recursos financeiros para a capital. Cabe também destacar que os sertanejos resistiam à prática de migração para outro estado, visto que o deslocamento dificultaria no retorno ao sertão (RIOS, 2014).

Para a classe dominante, a mão de obra barata dos retirantes da seca otimiza as obras públicas, prática muito recorrente durante os períodos de seca. Seguindo essa lógica, eram utilizados para acelerar o desenvolvimento da capital, tanto nas obras que aconteciam nesse período, como nas indústrias que faziam uso

de sua mão de obra quase gratuita. Entretanto, não podemos homogeneizar os discursos da classe dominante, visto que a burguesia católica via a emigração como a solução mais aceitável para os retirantes. Assim, quando chegam à capital são enviados para os campos de concentração, empregos nas indústrias, frentes de serviço e os sobrantes se tornam mendigos na capital.

Como uma forma de dificultar o envio dos retirantes para outros estados, prática considerada como perda e prejuízo, a classe dominante passou a construir um discurso de identidade regional vinculado ao sertanejo, justificando que a prática da emigração é patriótica, palavra que ganha destaque durante a ditadura varguista. Criase, portanto, um discurso baseado na compreensão de que o sertanejo está habituado ao trabalho agrícola.

A atividade laboriosa é vista como humanitária, como uma forma de auxílio aos famintos e os pedidos da classe dominante é que se pense em obras públicas para a capital como uma forma de oferecer serviço aos retirantes, assim, além do desenvolvimento da capital se conseguia a efetivação do valor moral. Podemos apontar que inclusive o trabalho infantil era visto como natural por parte do poder público.

Os discursos se elaboravam de acordo com a situação, e assim a classe dominante que construía uma imagem da cidade como moderna, civilizada e humanitária se reconstrói a partir de suas necessidades. Quando a seca se torna benéfica para os seus interesses, utilizam-na. Quando não, buscam estratégias para criminalizá-la.

Aqueles retirantes que não conseguiram retornar ao sertão precisavam ocupar os espaços mais afastados do centro, ampliando as margens da cidade a partir do processo de periferização. Assim, ocupar espaços próximos às nascentes dos rios é uma estratégia para se ter acesso à moradia, algo já apontado por Maricato (2015), em que destaca que é justamente nesses lugares próximos a áreas de preservação ambiental, em que o mercado não pode construir que parcela da população constrói habitação.

Em meio a essa realidade, à medida que o bairro do Genibaú foi se desenvolvendo, observa-se avanços em relação a melhores condições de vida para a

população. Seja a construção de Unidades Básicas de Saúde, escolas e o transporte público. Entretanto, os desafios ainda se fazem presentes, sobretudo em relação às casas que se localizam nas margens do rio.

Desde 2008, tem-se o início da construção das obras de urbanização Rio Maranguapinho considerada a maior obra de intervenção urbana do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para isso foi realizada a remoção de famílias que moravam às margens do rio, entretanto, partes do local que não sofreu requalificação, assim, no decorrer dos anos, foi sendo ocupado por novas famílias que não tinham onde morar, conforme traz o Diário do Nordeste⁸.

Nas falas dos moradores durante a reportagem, dona Francimar destaca: “Fizeram (o cadastro para realocação) das outras casas aí. Aqui, já são outras pessoas. A gente não tem onde morar e construímos aqui. Mora eu, minha filha e um neto”. Essa realidade permite a reflexão sobre o acesso ao direito à cidade, que apesar de se promover por meio do equipamento pesquisado, questões básicas como moradia ainda se mostram escassas para essa população.

O processo de formação do Parque Genibaú – área limítrofe com o Município de Caucaia – [...] é um exemplo das condições desfavoráveis daqueles que são obrigados a morar na periferia da cidade, sejam ou não migrantes. Nessas áreas as marcas da desigualdade social delineiam-se sem meios termos: condições subumanas de moradia, precário e insuficiente atendimento escolar, de saúde e alimentar. (FERNANDES, DIÓGENES e LIMA, 1991, p. 50 e 51)

As transformações desencadeadas no urbano têm que promover melhores condições de vida e vivência na cidade e que permita a realização do direito à cidade tal como é destacado no Plano Diretor de Fortaleza - Planfor (2017). O contexto do equipamento pertencente ao bairro se relaciona com a história desse, desde emergir como fruto de mobilizações sociais por meio das lutas sociais em prol de melhores condições de vida ao contexto vivido por seus usuários.

Durante os diálogos ensejados com moradores e usuários do equipamento, observamos em seus discursos que o “campo” sempre apresentou esse elo de encontro de pessoas, pois se mostrava como único lugar acessível para encontros.

⁸ As obras de urbanização do Rio Maranguapinho ocorrem há 11 anos. **Diário do Nordeste**, 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/obras-de-urbanizacao-do-rio-maranguapinho-ocorrem-ha-11-anos-1.2181910> Acesso: 23 jan. 2023.

Nesse período, antes das reformas e processo de revitalização, contava com partidas de futebol e ao seu redor, jovens o utilizavam como espaço para ensaios de danças.

Entretanto, destacam que as transformações no espaço convidaram ainda mais os moradores a se fazerem presentes no equipamento, pois agora contam com atividades diversas, desde ações direcionadas pela prefeitura, como é o caso do Atleta Cidadão⁹, à realização de atividades espontâneas, como é o caso da batalha de rap e o carimba (elemento a ser discutido no próximo capítulo). Nesse sentido, reafirma-se a relevância do empoderamento conforme apontado por Gehl (2013) “pode-se ver claramente que as estruturas urbanas e o planejamento influenciam o comportamento humano e as formas de funcionamento da cidade”.

A conclusão de que se oferecido um melhor espaço urbano o uso irá aumentar é aparentemente válido para os espaços públicos de grandes cidades, os espaços urbanos isolados até para um único banco de praça ou cadeira. A conclusão, em geral, também é válida em várias culturas e partes do mundo, em inúmeros climas e em diferentes economias e situações sociais. O planejamento físico pode influenciar imensamente o padrão de uso em regiões e áreas urbanas específicas (GEHL, 2013, p. 17).

As pesquisas apontam para a estrutura de vulnerabilidade social recorrente nas favelas e periferias de todo o Brasil. Essas estão presentes no cotidiano dos habitantes do Bairro Genibaú, conforme identificamos e mostra que a demanda recorrente por melhores condições de habitabilidade se relaciona à compreensão do direito à cidade.

O Parque Genibaú engloba uma Zona de Requalificação Urbana. Segundo o Plano Diretor de Fortaleza (2017), nas margens do Rio Maranguapinho têm-se uma Zona de Preservação Ambiental (ZPA), esta ZPA se subdivide em três zonas; I - Faixa de Preservação Permanente dos Recursos Hídricos; II - Faixa de Praia; III - Parque Natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba. A zona está localizada no bairro e tipo ZPA I. (FORTALEZA, 2017)

O processo de urbanização das favelas, como é o caso do Bairro Genibaú, promove mudanças e transformações tanto àquelas relacionadas à habitação quanto aos equipamentos, permitindo melhoria no acesso a direitos sociais, como a construção de escolas, Unidades Básicas de Saúde e equipamentos direcionados para o lazer.

Uma das propostas de urbanização se realiza por meio do Projeto Rio Maranguapinho, criado pelo Governo Estadual do Ceará, que busca requalificar as

⁹ Projeto a ser discutido no capítulo 5.

áreas próximas ao rio. Em relação ao ordenamento que comporta o bairro, tem-se dois principais trechos que participam, um que o governo diz ter concluído (delimitado pelas Avenidas Mister Hull e Senador Fernandes Távora) e outro que compreende Avenida Senador Fernandes Távora e Avenida General Osório de Paiva.

Em relação ao segundo trecho, apenas 45% da obra encontra-se concluída e seu início contou com a remoção de famílias que residiam às margens do rio, entretanto, sem ações de urbanização ou recuperação ambiental (MAGALHAES, VASCONCELOS, JUNIOR, 2018).

O Bairro Parque Genibaú teve sua ocupação relacionada à construção de um conjunto habitacional hoje denominado como “Conjunto Ceará”. Este foi criado no período da ditadura militar como parte da política do Banco Nacional de Habitação (BNH). A atuação do BNH em Fortaleza, como em outras cidades brasileiras, possuiu caráter higienista através do afastamento das pessoas do centro e da região litorânea e construção de conjuntos habitacionais distante das áreas centrais (MAGALHAES, VASCONCELOS, JUNIOR, 2018, p. 4)

O surgimento do bairro está relacionado com uma ideia segregacionista que define lugares nos territórios urbanos. Assim, construído a partir do não acesso às carências relacionadas a condições mínimas se faz presente. Ao se perceber a relação do equipamento não apenas em si mesmo, proporciona identificar que no ordenamento urbano, o desenvolvimento de uma política pública isolada das demais, traz fraturas para o seu usufruto.

Em decorrência dessa realidade, o bairro encontra-se localizado, segundo o Plano Diretor de Fortaleza (2017) na Zona de Requalificação Urbana (ZRU 1) que:

[...] caracteriza-se pela insuficiência ou precariedade da infraestrutura e dos serviços urbanos, principalmente de saneamento ambiental, carência de equipamentos e espaços públicos, pela presença de imóveis não utilizados e subutilizados e incidência de núcleos habitacionais de interesse social precários; destinando-se à requalificação urbanística e ambiental, à adequação das condições de habitabilidade, acessibilidade e mobilidade e à intensificação e dinamização do uso e ocupação do solo dos imóveis não utilizados e subutilizados (FORTALEZA, 2017).

É, portanto, destacado que desde o surgimento do bairro, o equipamento, aqui discutido, é o lugar de atração e um instrumento usado para encontro entre jovens e moradores. Mas, vê-se que as mudanças ensejadas nesses possibilitaram ampliar seu uso, conforme discute-se no tópico 5.

4.2 Usos do equipamento pelas juventudes: Batalha Arena

Outrossim, um elemento que destacamos como relevante durante as observações realizadas in loco, trata-se da realização de batalhas de rap. Em sua maioria, são realizadas na segunda-feira. Assim que o movimento da praça anuncia o horário noturno, período de maior uso do equipamento, jovens de todas as idades se aglomeram ao redor de batalhadores de rap.

As rimas que são realizadas no ao vivo contam com o entusiasmo dos participantes, em que chama a atenção de jovens presentes no equipamento público. Apesar de se mostrar como uma ação realizada pelos próprios moradores do bairro, a frequência da ação a torna um atrativo. Convidando não apenas aqueles que se mostram interessados pelas rimas da batalha, mas também os transeuntes, que frequentemente param para observar a cena.

Também, as formas de sociabilidades vêm mudando rapidamente e, como dizia Simmel, a cidade vem exigindo novos tipos de comportamentos muito diferentes da velha Fortaleza dos casarões, das conversas nas calçadas, das serenatas e tantas outras formas antigas de sociabilidades e modos de vida. Os encontros e as formas de consumo ocorrem hoje nos Shoppings Centers (FILHO, 2019, p. 218).

Nesse sentido, em um lugar quase que paralelo à realidade, observa-se jovens utilizando o equipamento para passear, ficar com os amigos, promover atividades culturais e esportivas. De fato, verifica-se uma lógica de migração das ações que outrora aconteciam nos bairros da cidade em direção aos shoppings centers, entretanto, as ações não se anulam. Observa-se que ao passo que a cidade conta com espaços que aglutinam pessoas; seus moradores e usuários a usam como meio de sociabilidade.

Em geral, reforça-se o potencial para uma cidade segura quando mais pessoas se movimentam pela cidade e permanecem nos espaços urbanos. Uma cidade que convida as pessoas a caminhar, por definição, deve ter uma estrutura razoavelmente coesa que permita curtas distâncias a pé, espaços públicos atrativos e uma variedade de funções urbanas. Esses elementos aumentam a atividade e o sentimento de segurança dentro e em volta dos espaços urbanos (GEHL, 2013, p. 6).

A relação que se estabelece entre as juventudes e o uso do espaço público remonta, segundo os estudos juvenis, como parte da questão social e em específico com o crescimento da violência (SPOSITO, 2009). Em que a visibilidade desta temática em âmbito social, não permite necessariamente reconhecimento por parte

da academia. Vê-se como contraditória, pois apesar de suscitar o interesse acadêmico, não é suficiente para ganhar legitimidade teórica.

Entretanto, à medida que se desenvolvem pesquisas sobre a temática, encontram-se as juventudes urbanas como principais figuras de destaque. Essa realidade é mediada pela compreensão das juventudes como problema, em uma sociedade que exaltou o ser adulto, deixou de lado esses sujeitos como aqueles detentores de direitos, ao passo que o enfoque versou sobre a condição juvenil a partir do problema.

A regulamentação do espaço urbano durante décadas criou formas de cercear a ocupação das juventudes, sobretudo aquelas pertencentes a classes sociais mais pobres. Criou-se legislações como a Lei da Vadiagem que punia o estar pelas ruas com pena de prisão, como uma medida que limita as juventudes de acesso à cidade.

Apesar de a sociedade construir a ideia de moratório psicossocial, em que os adolescentes e jovens possuíam um lapso temporal para desfrutar da sociedade, podendo assim, errar e experimentá-la, em que haveria um “relaxamento” das normas sociais. Na prática, serviu para construir uma imagem social em que atrelam às juventudes a imaturidade e negar direitos, ao mesmo tempo que criam noções de controle e dominação geracional sobre os jovens.

Assim, para autores como Margulis e Urresti (1996) a moratória social seria o período da vida em que os jovens poderiam postergar as exigências sociais. Tal noção não se mostra presente na realidade de todas as juventudes, pois parte desses sujeitos são submetidos à lógica da exclusão social, sobretudo, em seu trânsito pelo espaço urbano.

O resultado é a sua crescente vitimização, o ordenamento urbano é caracterizado pela violência que atinge às juventudes. Em vista disso, o Poder Público busca elaborar políticas públicas que minimizem os efeitos dessa realidade. A jurisprudência traz divergência em relação a disposição etária que demarca as juventudes, entretanto, conforme aponta o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852 de 2013, entende-se como aquele com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

A divergência presente está associada à compreensão de que a juventude é mais que uma palavra (Bourdieu, 1983), trazendo em seu campo semântico o sentido de diversidade, principalmente em relação às vivências que atravessam o ser jovem. Assim, cabe estudá-la como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)” (PAIS, 1990, p. 149)

Outrossim, é um conceito plural transpassado por questões de classe social, gênero, étnico-racial e território. Além de ser demarcado por papéis sociais atribuídos, levando-os a vivenciarem de formas diferentes o período em questão. Ou seja, as formas em que esses(as) sujeitos(as) interagem com a sociedade estão relacionadas muitas vezes aos seus marcadores sociais. Por tanto, “não há, de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os campos semânticos que lhe parecem associados” (PAIS, 1990, p. 151).

A singularidade da condição juvenil é dada pelo que se vive nesse momento da vida, numa dada conjuntura histórica. No período histórico atual, trata-se de uma longa transição da infância para a idade adulta, caracterizada por um intenso processo de definições, escolhas e arranjos para a construção de uma trajetória de inserção e autonomia. (ABRAMO, 2015, p. 19)

Em vista dessa realidade, as juventudes constroem formas de estar no espaço urbano, como é o caso das batalhas de rap,

As batalhas de rimas improvisadas são uma manifestação do movimento hip-hop. Trata-se de encontros de jovens, ocupando ruas e praças, proporcionando lazer e cultura, em sua maioria, de forma gratuita. Em geral, as batalhas são desempenhadas por jovens entre 13 a 25 anos, com uma maior atuação de homens, moradores das regiões periféricas de grandes centros urbanos (MIRANDA, 2021, p. 1)

Em consonância com o exposto, as batalhas de mc's, ou Batalha Arena como é conhecida, realiza encontros semanais na Areninha do Bairro Genibaú e conta com a participação de inúmeros jovens que utilizam o equipamento. Assim, durante as segundas o evento chama atenção e promove encontro entre as juventudes.

O encontro tem como mediador no urbano e reafirma a importância dos espaços públicos de lazer para proporcionar encontros. A proposta das areninha é direcionada principalmente para o público jovem, seja como uma forma de prevenir a violência ou como meio de fazer valer os preceitos constitucionais e normas legais, na qual afirmam o direito ao esporte e lazer como pilar para o desenvolvimento do país, e principalmente, para a plena expansão dos indivíduos sociais.

Outrossim, reitera que a proposta deste trabalho não está em esgotar as discussões que atravessam esse território, mas trazer em cena elementos que permitam uma análise sobre o direito à cidade, a partir da lógica do direito ao lazer (elemento a ser explorado no capítulo 5).

Os encontros são promovidos semanalmente, às segundas, 19h. Além desses, no mês de dezembro foi realizado o evento Battle 2 Beneficente. A proposta contou, segundo divulgação, com pula-pula grátis para as crianças, pocket show com direito a bate cabeça, sorteio para comunidade e arrecadação de alimentos para doação.

Durante a batalha das rimas em cena, observamos que diversos assuntos são suscitados, desde questões referentes à vivência nos encontros que ocorrem ao longo das semanas. Bem como, traz à cena os relatos sobre a experiência no espaço urbano e a realidade vivida na areninha, assim, o “ser do beco, de fortal e da city” carrega nas rimas o sentido de viver as experiências no contexto das cidades. Elucidam esse viver como algo que é transpassado pela desigualdade social e desigualdade no acesso ao cenário.



Figura 15: Encontro realizado pela Batalha Arena

Na realização do evento, identificamos que as juventudes que comumente utilizam o equipamento para a Batalha do Rap encontravam-se próxima ao palco, aproveitando e dialogando a partir de falas em comuns que desenvolvem no decorrer do evento, como “gritos de guerra” que partilham. E ao redor do evento, encontrava-

se jovens e demais usuários do equipamento observando a movimentação, bem como, participando dos sorteios que foram realizados.

Diferentemente do evento que é realizado todas as segundas, esse contou com palco e microfones, possibilitando expandir ainda mais as rimas realizadas pelos batalhadores. Entretanto, chamou a atenção a fala realizada pelos jovens organizadores a respeito da realização do encontro, pois demonstraram preocupação em relação ao horário e ao barulho que poderiam estar fazendo.

Em relação a isso, observamos a diferença entre os usuários do equipamento que realizam eventos como músicas ao vivo, em que o som embala toda a noite e madrugada. Quando comparados os perfis desses com as juventudes que realizaram o evento, pode-se discutir sobre como ainda se tem um processo de criminalização de "não" poder usar o espaço em relação às juventudes.

Embora se tenha formalmente a possibilidade de realização do evento, a realidade vivida nos demais trechos da cidade apontam para a criminalização e proibição do uso do espaço público pelas juventudes, pois enfrentam a repressão policial aos eventos que são promovidos pelos jovens.

A associação entre violência e juventude(s) é uma construção social e histórica, assim como violência e atuação policial. Ambos os pares estão inscritos no contexto de um mundo globalizado em que a violência e a exceção se tornaram rotina no cotidiano das cidades. Nesse cenário, se pode observar que a violência policial se tornou para determinados segmentos populacionais (pretos, jovens e moradores das periferias) uma prática banal nas suas abordagens. E, como prática banal, violadora de direitos humanos e de cidadania, tornou-se contraditória com o Estado democrático de direito e a garantia, manutenção e defesa dos direitos constitucionais (BRASIL, SANTIAGO, BRANDÃO, 2019, p. 10).

Nesse sentido, apesar de validados e o uso do equipamento esteja de acordo com os preceitos constitucionais, fazendo-os exercer seu direito ao espaço público e à manifestação. Observa-se o medo ainda presente nas falas e apontamentos durante o evento, ratificando que logo o evento terminaria e a preocupação com o som, pois este poderia estar incomodando os moradores do entorno.



Figura 16: Participação das juventudes na Batalha Arena

Outrossim, é no cenário urbano que essas manifestações culturais acontecem, como uma forma de expressão dos indivíduos e sua capacidade de modificar o entorno a qual estão inseridos. Em que a Areninha cumpre não apenas o papel de espaço de socialização para a realização de esportes, mas em sua dimensão enquanto um equipamento de lazer, permite construir estratégias de ocupação.

Ao mesmo tempo que a Prefeitura promove encontros por meio dos projetos sociais, bem como a revitalização do equipamento. Possibilita que as manifestações espontâneas dos sujeitos se disseminem pelo urbano e promova novas formas de uso para o equipamento.

A manifestação cultural convida não apenas os atores sociais diretamente envolvidos, ou seja, os realizadores do evento, mas toda a comunidade ao entorno participa por meio da observação. Assim, o rap enquanto gênero musical que se destaca no cenário urbano, por meio da cultura da rua e de periferia, em que se utiliza da rima para expor as distintas realidades. No cotidiano urbano, expressa-se pela representatividade e ativismo a partir de sua referência ao movimento americano que lutou pelos direitos civis e humanos e teve como marca os confrontos com a polícia.

Em se tratando da Batalha Arena, as competições estimulam a competição por meio do improviso, em que se faz uso da voz e caixa de som para dar a batida

que acompanha as letras e rimas dos raps. Observa-se uma realidade semelhante apontada por Mazer (2019) em uma periferia de Porto Alegre.

Com a realização de batalhas de rimas em diversos pontos, uma reconfiguração importante na cultura urbana é a retomada/ocupação de espaços públicos que antes não eram usados para o lazer ou entretenimento. A prática está diretamente ligada à condição do jovem circular pelas cidades via transporte público, incidindo em reconfigurações simbólicas da malha urbana e em pontos de encontro. É na ocupação de praças, ruas, parques, pistas de skate e de patins, mas também de outros espaços públicos como os terminais de transportes, centros e ruas comerciais, pátios de igrejas, de centros culturais e prédios abandonados que os jovens participantes das batalhas exercem o direito à cidade, sem esperar que o Estado ofereça atividades culturais, o que raramente ocorre, ou que a iniciativa privada se interesse pelo desejo cultural do grupo social em questão (MAZER, 2019, p. 105).

À medida que o ordenamento urbano é ocupado pelas juventudes em suas mais variadas expressões, torna-se possível o uso do território, bem como a possibilidade de esses atores figurarem de outras formas nas estatísticas, em detrimento da realidade que os apresenta como principais vítimas da violência. Essa forma de ocupar os mais variados espaços urbanos, tenciona a cidade a construir formas de acesso ao direito à cidade para as juventudes.

Enquanto meio de resistência, as juventudes ocupam os diversos espaços urbanos, e o rap tem sido um meio de fazer exercer esse direito. Assim, ao passo que esse vivência transformações que possibilitam o acesso da população a meios de lazer, contribui também para a realização de atividades espontâneas das juventudes, em que traz à cena a possibilidade desses sujeitos elaborarem formas de construir vivências no urbano a fim de contrariar as estatísticas.

5 UM CAMPO DE ENCONTROS: A ARENINHA DE FUTEBOL



Figura 17: Campo de grama sintética da Areninha Genibaú

Os apitos do árbitro ecoam por todo o campo e extrapolam as suas grandes, fazendo-se presente pelos lares dos moradores do seu entorno. É assim que são seguidos os dias ao redor e dentro do campo de futebol, que não se faz apenas isolado, mas que muda o cotidiano e a realidade de seus usuários. Não importa o horário e muito menos o dia, os seus usuários se fazem presente cotidianamente, seja dentro das quadras enquanto realizam uma partida ou ao seu redor, transitando de um ponto a outro da cidade.

A proposta desse capítulo é dialogar sobre o futebol enquanto um fenômeno que aglutina pessoas, especialmente, focando-se na realidade observada da Areninha localizada no bairro Genibaú. E nas relações que são estabelecidas, que são mediadas pelo campo, mas que não se limita a esse.

A modernização e racionalização dos espaços urbanos é um fenômeno que busca delimitar e definir lugares na cidade, sejam aqueles destinados ao lugar de morar, ou mesmo os espaços ditos de lazer. O uso da cidade será definido não apenas pelo processo de racionalização e determinação do lugar, mas a partir de propostas governamentais que buscam redefinir o espaço urbano (SILVA, 1993).

De forma semelhante ao apontado no capítulo anterior, observa-se que, em grande medida, a cidade enquanto esse capital de troca traz reflexões e influências em seu uso. É sabido que as populações periféricas (re)inventam forças de usar a cidade, seja a partir do uso de espaço “livre” para jogar futebol ou espaços da cidade

determinados para um fim, mas que são apropriados e utilizados a partir de uma redefinição de significado.

A cidade vivencia transformações em sua dimensão sensível e material, pois outrora o que se configurava como campos de futebol que agregaram o futebol de subúrbio, da qual contava com pouca ou nenhuma estrutura e iluminação, agora é remodelado a partir das Areninhas (FILHO, 2021).

Os estudos de Filho (2021) a partir dos escritos de Deleuze e Guattari, apontam essa realidade a partir de dois eixos. O primeiro se refere ao espaço liso, ou seja, aos campos de subúrbios como lugar de afeto que aglutina acontecimentos ao invés de coisas formadas. Em segundo, aos espaços estriados; como espaços mais racionais e visuais, com grama sintética, arquibancadas e vestiários, conforme tem acontecido com as Areninhas da cidade. Outrossim, liso e estriados estão conectados e transformam o uso do espaço urbano.

É nesse cenário que se estabelece o campo de pesquisa, que assim como outros campos de futebol que permeiam a cidade, foi transformado em uma areninha. Essa é formada não apenas pela estrutura do campo, em que um dos lados conta com pequenas arquibancadas, mas também por uma quadra de futsal e uma pequena academia ao ar livre¹⁰. Ao seu redor, conta com casas e negócios de pequenos empreendedores, desde mercearias à lava jato.

Nesse sentido, para abordar a relação dos usuários com a areninha. Em primeiro lugar, observamos os usos do campo de futebol. Em seguida, as relações que se estabelecem na areninha como um todo, desde os trabalhadores informais - tópico destacado no capítulo anterior - que ocupam esse espaço, aos demais atores sociais que fazem uso do equipamento, seja a batalha de rap que acontece semanalmente e que aglutina grandes quantidades de jovens ao carimba que é realizado na quadra de futsal.

Conforme é destacado por Wirth (1967), a cidade não pode ser definida apenas a partir de sua dimensão demográfica, mas traz três eixos para análise, a saber: a extensão do território, a densidade e a diversidade presente neste cenário.

¹⁰ Pretende-se discutir a especificidade dessa política pública no capítulo direcionado para o direito à cidade.

Especialmente na dimensão da diversidade, ou seja, a capacidade da cidade de aglomerar diferentes interesses emanados de diferentes aspectos da vida social. É nesse sentido, que observar as relações que são estabelecidas precisa ser pautada na compreensão das diferenças que são definidas no e pelo contexto social observado.

A cidade é elaborada pelos seus moradores, conforme se pode observar nos estudos sobre o espaço urbano. Ao passo que os moradores do urbano o transformam são também transformados por esse, em um duplo movimento (GEHL, 2013). Principalmente quando tomamos por referência a constituição das periferias da cidade que são construídas a partir da ausência de possibilidades de habitar nos centros urbanos.

Nesse sentido, enquanto território dividido, e por meio de uma oposição centro-periferia, e a partir desta divisão a “ideia de centro, de centralidade, pressupõe a existência de uma aglomeração, de acessibilidade, de concentração de emprego, de riqueza, de conhecimento, de informação, de cultura, de inovação e de ação política, legal, econômica e social” (LIMONAD, COSTA, 2015, p. 282). Em contrapartida, a periferia estaria distante geograficamente e seria o oposto, se tornando o lugar das ausências.

Apesar das transformações históricas, que trouxeram o deslocamento da compreensão da periferia como esse oposto ao centro, a cidade, dentro da lógica capitalista, precisa ser pensada como um lugar de segregação com ocupações desiguais dos territórios. A segregação urbana, como fronteiras imaginárias que definem o lugar de cada pessoa na cidade (ROLNIK, 1995). Como também, revela-se através de recortes de classe, raça e faixa etária.

Observada como esse lugar de ausência, as periferias são construídas cotidianamente por seus moradores, com uma urbanização dos baixos salários, em que seus próprios moradores constroem suas residências. Esse movimento se mostra como uma realidade crescente, pois o crescimento das favelas/periferias é maior que a da população total. Tal crescimento não é acompanhado de infraestrutura, mas carrega em si poucos recursos e a exclusão como traço marcante (MARICATO, 2015).

Entretanto, os moradores também elaboram espaços para socialização e lazer, como se tem observado com os campos das várzeas, construídos em sua maioria próximo aos rios, sobretudo em áreas de proteção ambiental que o mercado imobiliário não pode usurpar devido às leis ambientais, tais áreas são usadas como espaço de moradia e lazer para essa população (MARICATO, 2015).

À medida que constrói novas formas de ordenar o espaço urbano, tem-se uma construção quase que manual dos espaços de lazer, assim, semelhante às casas que são construídas pelos próprios moradores, os espaços de lazer do bairro também. Visto isso, o processo de urbanização das favelas é mediado pela transformação desses espaços, a partir da revitalização ou mesmo a construção.

Ao estarem articulados, fazendo parte do mesmo processo, ao passo que se avança a urbanização das periferias, vê-se a transformação de espaços como os campos, que outrora carregaram o ar de improvisado e a terra batida marcava presença entre os jogos.

Pretende-se discutir neste capítulo sobre a constituição do esporte moderno como elemento presente e relacionado ao lazer, bem como ao ordenamento urbano, sobretudo na cidade de Fortaleza. Enquanto expressão do lazer, o esporte, principalmente, o futebol marca presença em todo o território fortalezense, desde os que se fazem nos estádios da cidade às Areninhas que se mostram como principal equipamento para a prática amadora e para o lazer.

Acrescenta-se a essa realidade a conexão presente entre a prática e as masculinidades, expressa tanto na construção do futebol enquanto esporte, como também, realização presente no equipamento. Mostra, portanto, que pensar o lazer e o esporte enquanto direito pertencente aos cidadãos precisa trazer à tona a relação estabelecida com a questão de gênero.

Logo, discute-se sobre como o equipamento traz para o debate a relação entre tradição e modernidade, observando as práticas que outrora figuram como amadoras e que carecem de equipamentos e regras, como as realizadas na quadra de futsal, fazendo recordar os encontros realizados.

5.1 A constituição do esporte moderno

As relações sociais no campo observado são díspares a depender do dia da semana e horários, visto sofrer influência das práticas da cidade de modo geral. Assim, é corriqueiro observar, que durante dias da semana, os usuários do campo de futebol são, em sua maioria, crianças e adolescentes, que usam o espaço para se divertir utilizando os mais variados tipos de brincadeiras. Desde a simulação dos jogos realizados por adultos ao correr e pular no campo, elaborando novos usos para esse espaço.

Em contrapartida a essas experiências, vê-se que durante finais de semana e feriados, no decorrer do dia, o espaço é utilizado por jovens adultos e adultos para partidas de futebol. Especialmente, pretendemos nos dedicar às observações realizadas no feriado do Dia das Crianças, a saber: 12 de outubro de 2022. Nesse dia, durante o período noturno, observamos o jogo de futebol entre grupos “uniformizados”¹¹, que comumente utilizam o campo para partidas.

Durante a partida, as experiências vividas dentro do campo são refratadas para as pequenas arquibancadas que o cercam. Apesar de estar com mais de cinquenta pessoas ao redor desse espaço, grande maioria era jovens que utilizavam o espaço para dialogar entre os pares, em que a observação do jogo não era a principal preocupação, na verdade, utilizavam o lugar para conversar e dançar.

Entretanto, parte dos observadores estavam interessados no jogo, o perfil chamou bastante atenção, pois se tratava de homens adultos e idosos que viviam as experiências partilhadas no interior do campo. Assim, a perda da bola para o outro time era acompanhada de vaias e xingamentos, semelhante ao que é relatado durante os jogos de futebol realizados em grandes estádios. Portanto, o tamanho e o “não reconhecimento oficial” do jogo não era motivo para relaxar nas críticas aos jogadores e nas exigências de melhor performance.

De forma semelhante às partidas realizadas nos estádios de futebol, via-se uma intensa movimentação dos “torcedores”¹² e sua busca de experienciar a partida

¹¹ Chama-se de grupos uniformizados aqueles que realizam partidas com uniformes e participam de times, em que sua organização não se caracteriza como “racha”, ou seja, de forma mais espontânea.

¹² Destaca-se o termo entre aspas por observar que o torcedor estava relacionado àquele momento, não se tratando de alguém que frequentemente acompanha o mesmo time nas partidas. Mas é um

de corpo e alma. Sentados ou de pé, as arquibancadas representavam um momento de aproveitar o feriado.

O esporte sobressai aos sujeitos de diversas formas, tanto que se mostra como um objeto de estudo multidisciplinar e campo de análise, desde sua influência no bem-estar dos indivíduos, questões relacionadas à saúde ou mesmo sua relação com a construção da sociedade. Nesse contexto, a sociologia o observa como processo que absorve determinações sociais e reflete características que são socialmente elaboradas. Enquanto produto e produtor de padrões sociais, mostra-se como um importante objeto de estudo para entender determinadas práticas sociais.

Especialmente nessa pesquisa, a proposta está em observá-lo como integrado às práticas e aos usos do espaço urbano, por identificarmos que não se torna possível observá-lo apartado do contexto mais geral da sociedade, em especial, do contexto vivido nas cidades. Assim como a cidade é transformada pelo processo de modernização, esta incidiu diretamente sobre a prática do esporte, tal como o conhecemos.

Na Inglaterra, até 1800, era possível observar jogos populares de comemoração às festividades como elemento presente na sociedade. Entrando em declínio por se mostrarem incompatíveis com o contexto europeu do período industrial e seu processo de urbanização. Assim, as primeiras referências ao que chamamos de esporte moderno estão associadas às atividades realizadas nas escolas públicas da Inglaterra, algo semelhante ao futebol que conhecemos era realizado pelos jovens pobres da época (DUNNING; ELIAS, 1985).

A Inglaterra, berço das mudanças advindas do capitalismo, foi quem inaugurou a prática do Esporte moderno, a partir da esportivização de tais jogos praticados nas escolas, processo iniciado no século XVIII e que se intensifica nos séculos seguintes (BRACHT, 2005). Observa-se que com o avanço do processo de industrialização e a diminuição das jornadas de trabalhos, tem-se uma maior quantidade de tempo livre para a população trabalhadora. Tornando-se necessária

expectador que escolhe momentaneamente um time para torcer e assim poder participar das trocas ensejadas nos arredores do campo.

formas de controle que estivessem além dos ritmos fabris, portanto, como forma de diversão “apropriada” (MARTINS, 2016).

As revoluções ocasionadas no período precisavam ser contidas e com essa proposta, utilizou-se o esporte como meio de apaziguar os conflitos, apesar das tentativas de tornar o esporte carregado de valor social e simbólico, tornou-se possível apenas após a 2ª Guerra Mundial, em que esse incorpora princípios da sociedade capitalista e industrial passando por um processo de racionalização. Em um cenário anterior, na Europa, as competições eram duramente reprimidas, principalmente por estarem associadas à violência, prática não admitida para os padrões civilizatórios da época. Assim, durante todo o século XX, observa-se um intenso processo de esportivização das competições (BRACHT, 2005).

Apesar de as atividades atléticas se fazerem presente desde as sociedades passadas, tais como no Império Romano que os jogos eram utilizados como forma de distrair e alienar o povo, representações recorrentes quando observamos filmes como *Gladiador*, em que nas arenas de batalha, os gladiadores lutavam até a morte, como meio de garantir sustento e se libertar da escravatura.

Nos estudos de Norbert Elias e Eric Dunning (1985), tomando por referência o livro “Em busca da excitação”, podemos perceber essa íntima relação que se estabelece entre a modernidade e a elevação à esportivização. Conforme é pontuado, para que a atividade seja reconhecida, tem-se a necessidade de sua uniformização, ou seja, a criação de regras e características aceitas como influentes naquele contexto. Não se trata apenas de tornar mais branda a prática, mas adequá-la ao contexto que os demais sujeitos possam competir.

Ao passo que a esportivização possibilita a uniformização da prática, também torna possível o afastamento da noção de selvagem, ou seja, aquele que não controla as emoções, que os impulsos lhe dominam ou que a violência é sua principal forma de diálogo. A elevação ao esporte moderno está relacionada com uma racionalização e a transformação da violência a uma prática controlada dos impulsos.

Analisar as práticas esportivas está relacionada não apenas ao esporte, enquanto núcleo fechado e isolado do seu contexto sociocultural. Tem-se, na verdade,

que “o estudo do esporte que não seja simultaneamente estudo da sociedade são análises desprovidas de contexto” (ELIAS, DUNNING, 1985).

Nesse sentido, nas sociedades mais complexas, como as observadas pelos autores e como a nossa, observa-se uma estreita relação entre o lazer e o trabalho. Ao passo que o primeiro estaria relacionado ao prazer, o outro se daria em sua ausência¹³. Tem-se que o processo de racionalização vivenciado pela sociedade, em que as rotinas são bem estabelecidas e que o excesso de emoções é sumariamente inibido, o lazer surge como essa possibilidade de excitação¹⁴ na qual o sujeito pode vivenciar tais emoções.

A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer, representa assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas racionais da vida (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 117).

De forma semelhante, os gritos, xingamentos e exaltação das emoções emanado pelos observadores do jogo de futebol são lidas, até certo ponto, como aceitas. Assim, diferente do estabelecido socialmente, a saber: o controle das emoções como processo civilizatório e positivado. As atividades de lazer proporcionam a possibilidade de experiências emocionais, que comumente são excluídas da rotina cotidiana (ELIAS, DUNNING, 1985). Esse processo, de modo geral, é aprovado socialmente, possibilitando que na esfera do lazer, determinadas regras sejam quebradas ou exista a suavização dos controles emocionais.

As observações realizadas em campo não podem ser dissociadas da realidade social. Sobretudo durante a realização da copa do mundo de 2022, que coincidiu com a realização dessa pesquisa, essa se mostra como uma fonte de análise e possibilidade de compreensão. É socialmente difundido a imagem do país associado ao futebol, não à toa que se faz necessário trazer relatos do dia de jogo do Brasil.

O que se tem é um abrandamento das regras compartilhadas pela sociedade, seja no trabalho ou nas ações realizadas no campo. Vê-se que durante

¹³ Apesar de em diversas atividades de trabalho, buscar-se essa relação entre o prazer e o trabalho, ou seja, atividade orientada a um fim, como forma de remuneração. Os autores elaboram essa relação que ampla parte da sociedade vivencia, principalmente quando tomamos por referência o processo de alienação do trabalho e este não mais como uma ontologia, direcionado para a satisfação do homem (Marx, 1985).

¹⁴ Compreendemos a partir dos escritos de Elias e Dunning (1985), como algo espontâneo e elementar, da qual procuramos voluntariamente e normalmente precisamos pagar para acessá-la.

dias de jogos, os vendedores montam seus estabelecimentos e acionam uma televisão para que os clientes consigam assistir ao jogo. Logo, o campo de futebol transforma-se em um lugar para acompanhar os jogos realizados do outro lado do globo. O envolvimento dos clientes e transeuntes repercute nos arredores do campo, ao vibrarem a cada lance ou gol realizado.

Essa associação também é refletida nos comércios e nos trabalhos dos brasileiros, que são fechados e os funcionários liberados para assistirem ao jogo da seleção brasileira. Assim, apesar de compreendermos, em determinados momentos como é esse o caso, que o lazer faz (ou deveria fazer) parte do cotidiano dos cidadãos, apresenta-se a relevância de sua existência para a população de modo geral.

Embora diariamente o equipamento seja utilizado pelos moradores e usuários, durante eventos como esse, amplia-se a participação e a relevância deste para a localidade. Seja por possibilitar espaço de contemplação ao jogo ou como meio que conecta ainda mais indivíduos, revelando a necessidade de equipamentos como esse.

5.2 Homens e esporte

A existência de uma plateia e dos jogadores em sua maioria homens pode ser observada durante todo o percurso de pesquisa, fato que se relaciona com a constituição de determinados tipos de esportes tidos como masculinos, como é o caso do futebol. Que apesar de avançar em representatividade feminina, ainda é definido como esporte masculino, em que torna possível que em determinados países o assistir aos jogos de futebol ainda seja exclusivo dos homens¹⁵.

¹⁵ Observa-se que em determinados países a prática de assistir jogos de futebol se configura como atividade permitida apenas para o público masculino, como era o caso de Qatar (País Árabe), país que em 2022 sediou a Copa do Mundo. Durante esse evento, mostrou-se a primeira vez de participação das mulheres nos estádios de futebol (Wilkson, Garcia, 2022).



Figura 18: Homens em campo: masculinidades e esporte

A ligação que se faz entre o futebol e as masculinidades apontam para uma relação histórica, que desde o início possibilitou aos homens, em detrimento às mulheres, a sua realização. E em campo, a cena se repete, aparece em todas as observações, a presença masculina no equipamento como de maior expressividade, não se trata de uma relação aleatória, mas que revela como as políticas de lazer precisam considerar as questões de gênero como definidoras do território.

Essa expressiva presença não se nota apenas em campo, mas em todas as atividades realizadas no equipamento, com exceção das barraquinhas que vendem comida, onde vê-se a presença feminina em maior número. As pesquisas apontam para uma elaboração do espaço público como masculino, em que desde as noções trazidas pelo patriarcado estariam predestinadas para as cidades. Não apenas em relação ao acesso, mas se observa que desde a fundação da arquitetura ocidental, arquiteto artista-herói, diz respeito à ideia de uma civilização universal e, portanto, masculina (Antunes, 2016).

Entretanto, um ponto que requer atenção, sobretudo no contexto latino-americano marcado pelo capitalismo dependente e que carrega ao lado do processo de expansão urbana a elevação da violência nas cidades, é a violência propagada e vivenciada pelas masculinidades, que mesmo essa possuindo um suposto domínio do espaço público, é também vitimada.

Arquitetura e urbanismo orquestraram a separação entre mulheres e homens, privados e públicos, habitação e emprego remunerado, consumo e produção, reprodução e produção, subúrbio e cidade. Embora as pessoas não vivam realmente de acordo com estas dicotomias, a crença generalizada nelas influencia decisões e tem um impacto na vida das mulheres (ANTUNES, 2016, p. 5 apud Wajcman, 1994: 2001).

Nesse sentido, ao dicotomizar e estruturar a cidade pela lógica patriarcal (LYRA, 2019), essa se torna um espaço de maior privilégio para os homens, ou é o que se supõe. Entretanto, essa abordagem enfoca apenas a dimensão de gênero, deixando de lado outras questões que são relevantes para o contexto latino-americano, e principalmente, para o Brasil. Tal como a questão étnico-racial e de classe, que andam articuladas. Assim, perceber a cidade tem que se dar pelo olhar da interseccionalidade, ou seja, uma análise que compreenda a inseparabilidade do racismo estrutural, capitalismo e cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019).

Sabe-se que as masculinidades são elaboradas coletivamente e institucionalizadas, tem-se que a escola e os esportes têm um papel imprescindível. Sobretudo o esporte moderno como “uma instituição homosocial, legitimada sobre a heterossexualidade, o esporte tende a excluir mulheres e homens que se afastem do padrão de masculinidade esperado” (DEVIDE, 2021).

Em relação ao esporte, apresenta uma relação direta com a discussão das masculinidades e tem como ponto de partida o século XVIII, em que era utilizada como forma de melhorar a saúde e proporcionar condicionamento para o treinamento militar. Assim, observa-se que no percurso da história da sociedade, as atividades atléticas desempenham uma função social, não apenas como algo aquém do social, mas que se relaciona com as práticas e os costumes partilhados pelos sujeitos, que atravessa diversas esferas da sociedade (OLIVEIRA, 2004).

Os estudos apontam que essa relação está atrelada à noção de masculinidade que se buscou cultivar no ocidente e a formação do Estado moderno, a qual passa pela elaboração do ideário de masculino. Conforme discutido por Oliveira (2004), durante a construção do Estado Moderno, observa-se uma valorização do ideário de que os homens precisam se sacrificar por amor à nação e à pátria, tornar-se um soldado heroico, que se sujeitam à guerra, como um rito de passagem do jovem ao homem de aço.

Ao passo que no século XVIII, tem-se uma valorização ao corpo masculino ideal, que semelhante à noção elaborada pelo militarismo, esportes como a ginástica tornaria possível atingir esse vigor, assim um corpo atlético, não apenas simbolizaria beleza, mas também bons princípios morais. Algo que iria inclusive fazer parte das forças armadas, pois se acreditava que a disciplina seria fundamental para a formação de um soldado (OLIVEIRA, 2004).

Tem-se, portanto, uma relação entre a prática de esportes com a noção de masculinidade vitoriosa, que no decorrer do século XIX, as competições se transformaram em uma metáfora para uma batalha, semelhante à guerra (OLIVEIRA, 2004). Assim, a prática de um esporte não está limitada apenas ao aparente, mas existe uma relação que se estabelece entre a esportivização e a construção da sociedade e das masculinidades, principalmente quando pensamos em esportes ditos masculinos. Como é o caso do futebol, que esteve atrelado à imagem masculina e que apesar de se ampliar a participação feminina no esporte, essa sofre um processo de ausência de incentivo, como é observado na diferenciação de remuneração de atletas femininas.

Esse processo de ampliação ainda se mostra uma grande luta a ser travada, apesar da luta do movimento feminista que possibilitou amplas pesquisas sobre a realidade da mulher na sociedade e trouxe em cena a compreensão de gênero como uma construção social (OYĚWÙMÍ, 2004) reverberando em uma maior participação da mulher nos amplos espaços da sociedade.

Enquanto o sexo está relacionado a dimensão biológica e suas diferenças anatômicas, estando o corpo categorizado binariamente como macho e fêmea. As dimensões de gênero são elaborações sociais que determinam o macho àquele com traços masculinos, e a fêmea ao feminino. Tratando-se de um determinismo social em que gênero é definido a partir do sexo. No entanto, ao contrário de natural, as definições de gênero se realizam social e culturalmente a depender do contexto (SILVA, 2007).

Especialmente, as masculinidades são vividas de múltiplas formas, pois não existe apenas uma forma de ser homem. E que os indivíduos atribuem sentido às suas ações fazendo-se questionar formas universalizantes do ser, ou seja “as masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e,

dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

O contexto social e cultural repercute na forma de viver dos homens, caso que se apresenta quando se observa que assistir a jogos de futebol é destacado como a principal atividade realizada pelo jovem, a partir de um diálogo enquanto esse assistia a um dos jogos realizados no campo de futebol (Antônio/25 anos, 2022)¹⁶. Esse relata que durante a semana essa atividade se limita aos jogos realizados no campo de futebol, pois fica próximo a sua casa ou aos transmitidos pela televisão e internet. Entretanto, aos finais de semana prefere “bater um racha” com os amigos no campo.

Essa relação que se estabelece entre a noção de masculinidade reverbera na relação que os homens estabelecem consigo e para com os outros. Especialmente no país, observa-se uma intensa busca em relacionar a prática de atividades de futebol ao ideal de masculinidade cultivada. Nos diálogos realizados durante as observações, é recorrente os homens relacionarem o assistir ao jogo com as atividades que realizavam com os pais quando criança. Assim, o assistir aos jogos é reflexo dos momentos partilhados entre pais e filhos, sendo comum observar pais com bebês e crianças de colo nas arquibancadas.

Assim, as atividades de lazer são também veiculadas a partir desse lugar que coloca o homem como aquele que pratica e joga futebol. O racha que ocorre no final de semana, presente em diversos campos espalhados pela cidade, coaduna com a noção de masculinidades cultivada e compartilhada pela população brasileira.

¹⁶ Durante as observações se torna possível o diálogo com os usuários do equipamento, nesse dia, esse jovem estava muito animado assistindo a uma partida de futebol e enquanto isso, conversávamos sobre o jogo e sobre sua relação com o futebol.



Figura 19: Esporte e brincadeiras em campo

É, nesse sentido, que as práticas são vividas. À medida que são realizadas, os encontros geracionais promovem uma maior troca e a possibilidade de construir laços afetivos com o equipamento. O jogo da imitação é promovido e as crianças e adolescentes ao redor do equipamento, despertam para a possibilidade da prática esportiva.

O uso do campo de futebol se dá principalmente por homens. Estando quase que um ambiente naturalmente masculino. Tal realidade é apontada não apenas por parte da pesquisadora com a carga de leitura que direciona o olhar para as questões de gênero que se expressam no espaço urbano. Seja em relação à diferenciação das tipologias das violências vividas de acordo com o gênero dos cidadãos.

É a partir também do olhar realizado pelos usuários do equipamento. Durante um dia do mês de novembro, ocorreu um jogo em que as mulheres eram protagonistas do espaço. Causando uma certa estranheza, levando um usuário do equipamento a mencionar "hoje está ocorrendo um jogo com mulheres, elas estão até uniformizadas". A fala que carrega um sentido de espanto faz refletir como a naturalização de determinados tipos esportivos se mostram presentes no cotidiano

dos habitantes da cidade. A estranheza revela ainda uma baixa parcela de atividades realizadas pelas mulheres no equipamento.

A afirmativa faz refletir sobre os usos realizados pelas mulheres no contexto da Areninha estudada. Pois, além de figurarem como principais responsáveis pela venda de pratinhos e comidas em geral, são as responsáveis pelo seu preparo. Não raras vezes, durante diálogos com outras vendedoras que utilizam espaços próximos a Areninha, afirmam que a rotina é longa. Sobretudo para aquelas que vendem e preparam alimentos durante o meio-dia e a noite.

De fato, as usuárias do equipamento, quando jovens, utilizam o espaço para momentos de socialização com os(as) amigos(as). Entretanto, quando observamos os usos de mulheres adultas, em sua maioria, estão vendendo os pratinhos ou observando seus filhos brincarem no equipamento.

A diferenciação das formas de uso revela não apenas a desigualdade de gênero que se faz presente na realidade urbana, mas também, como essa desigualdade é vista também nos equipamentos de lazer. À medida que não compreendemos essas nuances, torna-se improvável a realização de uma cidade para todos, pois trata uniformemente uma realidade que é desigual.

5.3 Entre o tradicional e o modernização

Ao lado do campo de futebol, existe uma quadra de futsal que é utilizada principalmente pelos jovens residentes do bairro em partidas de futsal. Diferentemente da partida que ocorre em campo¹⁷, na quadra, conta-se com a presença de adolescentes e jovens que para se diferenciar durante o jogo, utilizam blusa e outros não e que ambos jogam descalças. Ao contrário do observado em campo, na qual fazem uso de uniformes e chuteiras para se diferenciar.

¹⁷ Destaca-se que essas conclusões são frutos das observações da pesquisa e que não se trata de uma negação de um para com o outro. Mas o que se apresenta com maior frequência no território observa, visto que é possível também observar eventos com times uniformizados e que contam com árbitros, assim, participam de campeonatos. Entretanto, o recorrente é o uso do espaço da quadra pelos jovens moradores, a partir de partidas realizadas espontaneamente.



Figura 20: Tradicional partida de futsal



Figura 21: Uso da quadra pelos jovens

Conforme detalhado anteriormente, o processo de modernização traz regras e formas para que sejam executados determinados esportes, como é o caso do futebol que conta com o processo de uniformização das regras e das vestimentas, uma forma de padronizar as práticas e torná-las acessíveis para todos os jogadores.

Ao passo que observamos esse processo nos jogos no campo observado, por meio do uso dos equipamentos, árbitros e definição clara das regras. Observa-se também, práticas mais rudimentares, espontâneas, realizadas pelos jovens usuários

do equipamento, em que utilizam a quadra de futsal para jogos de futebol executados sem o uso de equipamentos.

Bem como, evidencia-se a realização de outras práticas, como é o caso do carimba. Assim, ao término do “racha” na quadra e a finalização do jogo de futebol, observa-se a realização do carimba, que se dá não necessariamente nessa ordem. Inicialmente, torna-se importante apontar essa prática como um evento que envolve todos os sujeitos que se fazem presentes, tanto ao redor do campo de futebol, como ao redor da quadra.

Observa-se uma intensa movimentação ao redor desse espaço, confluindo crianças, jovens e adultos para o evento. Recordamos que durante as primeiras observações no campo de pesquisa, identificamos um grande barulho, pessoas gritavam em comemoração e a quadra logo se fazia lotada, de fato, a sensação era de um grande evento. Em que tanto os participantes do jogo estavam contagiados pelo momento, como os participantes/observadores que se encontravam ao redor do espaço.

Assim, o carimba se tornou um momento bem mais vibrante, comparando-se à partida de futebol. Os jovens que outrora dividiram a atenção entre a partida de futebol e os diálogos com os(as) amigos(as), pareciam ser atraídos pelo evento. Que apesar de apontarmos como evento, por querer dar destaque ao entusiasmo partilhado por todos naquele espaço, é uma prática recorrente.

Semanalmente são realizadas partidas de carimba no espaço da quadra, por se tratar de algo com menos regras e que aglomera uma maior possibilidade de participantes, torna-se um grande atrativo para as pessoas. Apesar de ser realizado com menor frequência, se comparado aos jogos de futebol realizados em campo, os ânimos se apresentam como recorrentes, convocando não apenas os que utilizam o espaço como lazer, mas também os transeuntes e os moradores, que logo se dirigem à quadra para observar a realização do evento.

O perfil dos participantes do carimba é mais fluido, diferentemente do futebol que normalmente são homens que participam, conforme pontuado e que estabelece uma relação com o contexto social a qual o futebol foi desenvolvido. O carimba conta com a presença de jovens homens e mulheres. E que faz todos ao

entorno do espaço se sentirem incluídos, principalmente pelo entusiasmo que envolve o “carimbar” o oponente.

Durante algumas observações foi possível notar que à medida que se inicia a atividade, as pessoas se aproximam da quadra e escolhem o time para qual irão torcer. O envolvimento é tanto, que os moradores dos arredores saem de casa e acionam o celular para filmar a partida.

Pontua-se que a absorção ao jogo se dá tanto em relação ao entusiasmo que envolve os jogadores e torcedores, como também, por se mostrar uma atividade que ocorre em menor frequência se comparada ao futebol, que diariamente se faz presente na quadra de futsal e no campo. Diferente desse, o carimba se forma de maneira mais fluida, pois não se trata de times formados à priori, mas que se constroem a partir dos participantes disponíveis ao redor da quadra.

É provável que o entusiasmo que envolve os participantes seja o jogo em si e o envolvimento dos torcedores; e em relação aos torcedores, à possibilidade de se tornar jogador. Algo que se mostra diferente se comparado com o futebol, que na maioria das vezes é realizado por times já preestabelecidos, tornando o torcedor, que se forma naquele contexto, o observador/espectador.

O carimba pode ser denominado de outras formas, a depender da região, podendo ser conhecido como “Queimada”. Tal prática faz parte dos jogos tradicionais realizados ao redor do mundo, “tornam-se retrato de uma época e de um local e, mesmo com as alterações que sofrem ao passar do tempo, continuam sendo jogados por diferentes populações”. (SANTOS, 2012, p. 70)

A sua realização faz parte das práticas sociais que ecoam pela areninha, pontuando-se como uma atividade tradicional, no sentido da não transformação da prática em atividade esportiva, como ocorre com a grande maioria das atividades esportivas. Assim, o uso do espaço é moldado não apenas pela quadra reformada ou o campo de futebol que são entregues a população por meio de políticas públicas, como é o caso das Areninhas. Mas também, a partir das práticas que são elaboradas pelos sujeitos que habitam e usam o espaço.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa busca analisar as relações que se estabelecem na Areninha Genibaú, localizada na cidade de Fortaleza, Ceará. A partir de pesquisa de campo e diálogos realizados com usuários e moradores do equipamento observamos o cotidiano dos usos, dando ênfase nas relações que se estabelecem e nas atividades desenvolvidas no entorno do campo de futebol e nos demais espaços que compõem a areninha.

A Areninha Genibaú, espaço revitalizado por meio da política de esporte e lazer, emerge no antigo Campo do Sevilla em dezembro de 2015, como fruto das transformações desencadeadas no urbano. Em virtude disso, traz em si as consequências e ditames presentes na cidade, principalmente quando a localizamos na periferia da cidade de Fortaleza.

A delimitação de onde se situa permite que identifiquemos questões como a importância desse espaço de lazer em meio a ausências de infraestrutura e de condições básicas de habitabilidade que estão presentes na localidade. Revela-se que o equipamento não está isolado do contexto social que o delimita, mas que traz reflexos das vivências do urbano.

Em vista disso, a política das Areninhas revitalizou equipamentos com campos de futebol em todo o território cearense, mas especialmente, na cidade de Fortaleza, lugar onde surgiu a proposta. Nesse sentido, com o objetivo de promover acesso a equipamentos de lazer em comunidades em situação de vulnerabilidade, os antigos "campos de terra" deram espaço para campos e arquibancadas planejadas, convergindo em uma mistura do moderno e do tradicional.

Essas transformações que são desencadeadas no urbano transformam as relações dos(as) usuários com o equipamento, bem como, a sua relação com o novo cenário. Revela-se que representam um importante movimento de modificação dos espaços de lazer nas periferias e favelas da cidade, pois a política urbana que é elaborada a partir de um olhar mercadológico tende a promover a revitalização dos equipamentos localizados, sobretudo, em regiões nobres.

Assim, observa-se como relevante para promover o acesso ao lazer a essa parcela da população que encontra a escassez como regra. Entretanto, até que ponto

esse acesso é possibilitado, pois tal proposta encontra uma cidade dominada pelo medo e pela violência, expressos no cotidiano e nos relatos apresentados pelos usuários e moradores do entorno do equipamento. Na realidade, apresenta-se os limites de uma política de lazer que não se articula com as demais políticas, como a de segurança, moradia e trabalho.

O lazer enquanto expressão do direito à cidade é incidido na Constituição Federal e reforçado por meio de normas e legislações que o trazem como principal elemento presente no espaço urbano. É por meio das mudanças ensejadas na cidade que se identifica a proposta das Areninhas, por meio de uma política pública de lazer que tem como foco bairros de maior vulnerabilidade social. A fim de possibilitar o acesso a atividades de esporte e lazer, que apesar de figurar como direito garantido pelo aparato constitucional, ainda é escassa para essa população.

O equipamento conta com a realização de atividades espontaneamente elaboradas e desenvolvidas pelas juventudes, como a Batalha Arena, que se trata do encontro de rimas e batalhadores que utilizam o espaço urbano como meio para discutir questões presentes em sua realidade. O pulsar das vivências dos usuários nos espaços da cidade é mencionada e se transforma em rimas, bem como, faz refletir sobre o processo de criminalização e de não acesso que determinadas juventudes enfrentam. Assim, semelhante a lógica das praças que aglomeram as juventudes com diversas finalidades, observa-se que a Areninha traz dinâmicas e processos da cultura juvenil, como é o caso da batalha de rimas.

Outrossim, uma atividade que se mostra presente e tem um papel relevante para dinâmica do equipamento é a comercialização informal pela venda de comida de rua. Nessa pesquisa, tem-se essa realidade como expressão dos processos sociais desencadeados em todo ordenamento da cidade, pois revela as estratégias dos usuários e moradores que utilizam o equipamento não apenas tendo como fim o lazer, mas traz novas formas de uso por meio da comercialização.

Embora o equipamento busque promover acesso a um direito específico, tal como o lazer, observa-se um tensionamento que dificulta o seu acesso para os(as) moradores(as) do entorno. De fato, é importante que sejam construídas novas formas de estar na cidade, pois revela uma maior aproximação dos usuários com o

equipamento, entretanto, promover o acesso ao lazer, sem colocá-lo como articulado com a dimensão do trabalho, reflete o desemprego estrutural.

Em virtude dessa realidade, práticas esportivas e de lazer são realizadas no equipamento, tanto de forma espontânea, refletindo os usos dos usuários, quanto planejadas, por meio dos projetos e atividades de campeonatos. Em relação ao esporte, é principalmente o futebol que convoca a participação dos usuários ao espaço. Sobretudo se tratando do público masculino que cotidianamente utiliza o equipamento para partidas e rachas. Revela-se não apenas como o principal usuário desse espaço, mas também como o maior espectador.

Em relação à atividade desenvolvida dentro dos limites do campo de futebol, observa-se que a prática de torcedor é carregada sentimentos e excitações, em que as ações em campo são transbordadas para as arquibancadas, levando os espectadores a xingamentos, vaias e aplausos a depender do cenário em campo. Assim, a atividade se torna atrativa para o público masculino possibilitando troca entre pares e com a família.

O espaço urbano é vivido de maneira desigual, marcado pela dimensão de gênero. No equipamento, revela-se como principal público as masculinidades, estando presente desde nas atividades esportivas, quanto como usuário cotidiano. Assim, ao pensar em uma política de esporte e lazer, é preciso levar em consideração as desigualdades presentes na realidade do equipamento e de que forma viabiliza a participação da comunidade de forma geral.

Outrossim, além dos jogos de futebol que são realizados na areninha, a presença da prática de carimba traz diversão e momentos de vibração para o espaço. Assim, diferente dos jogos realizados no campo de futebol, tem-se o carimba que é realizado na quadra de futsal e conta com a participação de usuários e moradores do equipamento, apresenta-se como atividade espontânea em que se organiza a partir do momento da partida. Entende-se que tanto atividades orientadas pela modernidade, ou seja, praticada com regras definidas e articuladas com a esportivização, tem-se também, o encontro de dinâmicas que recordam atividades tradicionais, de caráter fluido.

A pesquisa foi realizada apesar das dificuldades impostas pela pandemia. Em especial, tem-se a criatividade para realização do trabalho, desde a utilização de imagens disponíveis no Google Maps, para tornar mais lúdico e preciso a descrição do equipamento às avaliações realizadas pelos próprios usuários do equipamento, tornando mais rica a análise e a compreensão que se tem a respeito de sua relação com o entorno.

À guisa de considerações finais, considera-se que a pesquisa se mostra relevante, pois traz para discussão as formas de uso desse espaço público, que embora devesse se apresentar como uma realidade latente para a população da cidade, ainda é delimitado para parcela dessa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo. **O projeto social como agente socializador em comunidades periféricas de Fortaleza.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63927/3/2021_tcc_pcsabreu.pdf Acesso em: 09 fev. 2023.

Adolescente de 16 anos é morto a tiros próximo a areninha no Bairro Planalto do Pici. **Jornal Globo (G1)** Fortaleza: 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/02/27/adolescente-de-16-anos-e-morto-a-tiros-proximo-a-areninha-no-bairro-planalto-do-pici-em-fortaleza.ghtml> Acesso em: 26 jan. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2.ed. São Paulo: editora Cortez, 1995. 155 p.

ARAÚJO, Ruth Ana Pereira de et al. Urbanização à brasileira: uma história de desigualdades no acesso à cidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO, 10., 2019, Palmas, TO. **Anais [...].** Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xcbdu/177624-urbanizacao-a-brasileira--uma-historia-de-desigualdades-no-acesso-a-cidade>. Acesso em: 23 jan. 2021

ARCE, José Manuel Valenzuela. Juvenicídio e identidades desacreditadas. *In*: FEFFERMANN, Marisa, et al. (org). **Interfaces do Genocídio no Brasil: raça, gênero e classe.** São Paulo: Instituto de saúde, 2018.

As obras de urbanização do Rio Maranguapinho ocorrem há 11 anos. **Diário do Nordeste,** 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/obras-de-urbanizacao-do-rio-maranguapinho-ocorrem-ha-11-anos-1.2181910> Acesso: 23 jan. 2023.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Convivência e espaço público em Fortaleza: desafios da “mistura” e expansão de novas áreas de lazer. *In*: BARREIRA, Irllys; GONÇALVES, Danyelle (org.). **A cidade sob o chão do espaço público,** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 43-64.

BATTAUS, Danila. OLIVEIRA, Emerson. O direito à cidade: urbanização excludente e política urbana brasileira. **Lua Nova,** São Paulo, 97: 81-106, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/N797qBC5Rcb9PLxKfZZWMMx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 nov. 2022

BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000100014&lng=en &nrm=iso. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL, Glaucíria Mota; SANTIAGO, Érica Maria; BRANDÃO, Marcílio Dantas. A banalidade da violência policial contra jovens pobres, pretos e periféricos na cidade de Fortaleza. Dilemas - **Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, vol. 13, núm. 1, 2020. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5638/563861896008/563861896008.pdf> Acesso em: 26 jan. 2023.

BRICEÑO-LEÓN, R. **La ciudad: ¿Escenario o causa de la violencia** En R. Briceño-León, *Ciudades de Vida y muerte* (págs. 117-142). Carcas: Editorial Alfa, 2016.

BRICEÑO-LEÓN, R. Urban Violence and Public Health in Latin America: A sociological explanatory model. **Cadernos de Saúde Pública**, 21 (6): 1629-1664, Nov-Dez, 2005.

CAMPOS, Ingrid. Após oito anos da Copa de 2014, veja como estão as obras construídas em Fortaleza para o evento. **Diário do Nordeste**. Fortaleza: 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/apos-oito-anos-da-copa-de-2014-veja-como-estao-as-obras-construidas-em-fortaleza-para-o-evento-1.3307049> Acesso em: 25 janeiro de 2023.

CARVALHO FILHO, Benedito. Notas para compreender as transformações de uma cidade na era do capitalismo financeiro. *In: In: BARREIRA, Irllys; GONÇALVES, Danyelle (org.). A cidade sob o chão do espaço público*, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019

CARVALHO, Regiménia; VARGAS, Angelo. O Contexto Histórico das Políticas Públicas de lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez/2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/793/594> Acesso em: 09 fev. 2023.

CONNEL, Robert. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**. 20(2): 185-206. Jul. Dez. 1995.

CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013 Cultural Ltda, 1985.

Criminosos interrompem partida de futebol na areninha e matam jogador. **Jornal O povo**. Fortaleza: 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/09/26/criminosos-interrompem-partida-de-futebol-na-areninha-e-matam-jogador.html> Acesso em: 26 jan. 2023.

DEVIDE, F. Estudos das masculinidades na educação física e no esporte: reflexões e contribuições de Raewyn Connell e Eric Anderson. *In: DEVIDE, Fabiano; BRITO,*

Leandro. **Estudos das masculinidades na educação física e no esporte**, São Paulo: nVersos Editora, 2021.

DIREITO à cidade. **Território e educação**, 11 mai. 2018. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/direito-a-cidade/#:~:text=O%20conceito%20direito%20%C3%A0%20cidade,a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20da%20capital%20francesa>. Acesso em: 21 jan. 2021

DUARTE PIMENTA, Rosângela; Sergio Lopes, José. **Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão**. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1979.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

FECHINE, Basínio; FECHINE, Thaylane; JÚNIOR, Antônio. Equipamentos esportivos e a cidade de Fortaleza/CE: Estratificação funcional das instalações de esporte e lazer, práticas existentes e projetos sociais vinculados às coordenadorias específicas. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**. 2022, v. 12, e110037.

FERNANDES, A. N. C.; DIÓGENES, G. M.; LIMA, M. C. N. de. Movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza: trajetória de um novo sujeito social. *In*: BRAGA, E. M. F.; BARREIRA, I. A. F. (org.). **A política da Escassez: Lutas Urbanas e Programas Sociais Governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991. p. 39-75.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

FILHO CUNHA, Guilherme. **A cidade das Areninhas: transformações urbanas do sensível**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Programa de pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2021.

FORTALEZA (CE). **Decreto nº 13.927, de 12 de janeiro de 2016**. Aprova o regulamento da Secretaria Municipal do Esporte. Fortaleza, Ceará (PMF), 2016. Disponível em: https://planejamento.fortaleza.ce.gov.br/images/Gestao/Regulamentos/DC-N-13927_2016_Regulamento-SECEL.pdf Acesso em: 25 jan. 2022.

FORTALEZA. Estudantes da Rede municipal conhecem projeto esportivo realizado nas areninhas. **Prefeitura de Fortaleza**, 2022. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/estudantes-da-rede-municipal-conhecem-projeto-esportivo-realizado-nas-areninhas> Acesso em: 28 nov. 2022.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Danyelle. Academias ao ar livre em Fortaleza: medo e ocupação do espaço público. In: *In: BARREIRA, Irllys; GONÇALVES, Danyelle (org.). A cidade sob o chão do espaço público*, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 65-86.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: 84 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01032070

Instituto de Pesquisa Econômica. **Atlas da violência 2020**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141atlasdaviolencia2021completo.pdf> Acesso: 18 nov. 2022.

Jovem é executado com cinco tiros enquanto jogava futebol na Areninha do José Walter. **Jornal Globo (G1)**. Fortaleza: 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/26/jovem-e-executado-com-cinco-tiros-enquanto-jogava-futebol-na-areninha-do-jose-walter-em-fortaleza.ghtml> Acesso em: 26 jan. 2023.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

KIMMEL, Michael. Los estudios de la masculinidad: una introducción. In: CARABÉ, Angels; ARMENGOL, Josep (org.). **La masculinidad a debate**. Icaria: Mujeres y culturas. Barcelona, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMONAD, Ester; COSTA, Heloisa. Cidades excêntricas ou novas periferias. **Revista Cidades** v. 12 n. 21. 2015. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/4873/3547>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LOPES, Ana Carolina. **O direito social ao lazer em perspectiva crítica: desigualdades e democratização do acesso**. Orientadora: Thula Rafaela de Oliveira Pires Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.

MAGALHÃES, Lídia; VASCONCELOS, Lara; JUNIOR, Jose. Urbanização de assentamentos: recuperação das margens do Rio Maranguapinho. In: III Seminário Nacional sobre urbanização de favelas -URBFAVELAS. 2018. **Anais**. Salvador (BA). Disponível em: <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2018a/ARQUIVOS/GT2-143-30-20180820163003.pdf> Aceso em: 26 jan. 2023.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, P. Sociologia do Esporte. **Instituto Superior de Teologia Aplicada**, 2016. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/sociologia-do-esporte/pdf/sociologia.pdf> Acesso em: 12 fev. 2022.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1, v.1. São Paulo: Nova

MAZER, Dulce. Rimar, improvisar e ocupar a cidade: o RAP reinventado os discursos e os palcos em uma capital brasileira. *In*: SITOIE; GUERRA. **Reinventar o discurso e o palco**. O rap, entre saberes locais e saberes globais. Universidade do Porto. Faculdade de Letras: 2019.

MINAYO, Maria (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 21. ed. 2002.

MIRANDA, Regiane. Jovens rimadores em batalhas de MC 's em Salvador. ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 17., 2021, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132280.pdf> Acesso em: 23 jan. 2023.

MOTA, Lucas. Areninhas são referência de política social e mudam vidas nas comunidades do Ceará. **Jornal Opovo**. Fortaleza: 2022. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/areninhas/2022/07/20/areninhas-sao-referencia-de-politica-social-e-mudam-vidas-nas-comunidades-do-ceara.html> Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: III Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, Rio de Janeiro, 2003. **Palestra**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2020.

NUNES, Juliana Da Silva. **Cidade, juventudes e trajetos: narrativas de jovens moradores(as) das periferias em Fortaleza/CE**. 2021. 0=91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2021) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=99278> Acesso em: 28 de novembro de 2022

OLIVEIRA, Pedro. **A construção social da masculinidade**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. A cidade como categoria sociológica. p. 7-23. ISBN 978-85-7982-001-4.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies.

African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series**. v. 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PEQUENO, Renato. O predomínio do projeto sobre os processos de planejamento urbano em Fortaleza. In: PEREIRA, Alexandre; COSTA, Maria Clélia (org.) **Reforma Urbana e direito à cidade** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? Espaço aberto. **Democracia viva**, n. 22. jun 2004/jul 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro o. Acesso em: 01 abr. 2021.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeito Roberto Cláudio e comunidade comemoram um ano da Areninha do Campo do América**. Fortaleza: 2015. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/central-multimedia/imagens/prefeito-roberto-claudio-e-comunidade-comemoram-um-ano-da-areninha-do-campo-do> Acesso: 25 jan. 2023.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeito Roberto Cláudio e governador Camilo Santana lançam pacote de 16 novas Areninhas para a Capital**. Fortaleza: 2018. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-e-governador-camilo-santana-lancam-pacote-de-16-novas-areninhas-para-a-capital> Acesso: 25 jan. 2023.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Prefeito Roberto Cláudio e governador Camilo Santana entregam 690 pares de chuteira para alunos do Projeto Atleta Cidadão**. Fortaleza: 2017. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-entrega-690-pares-de-chuteira-para-alunos-do-projeto-atleta-cidadao> Acesso em: 25 jan. 2023.

Projeto Novo Atleta Cidadão é lançado com 10 mil vagas para crianças e adolescentes. **Jornal Opovo**. Fortaleza: 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/10/26/projeto-novo-atleta-cidadao-e-lancado-com-10-mil-vagas-para-criancas-e-adolescentes.html> Acesso em: 26 jan. 2023.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, G. F. L. **Jogos tradicionais e a Educação Física**. Londrina, Eduel, 2012.

SASSEN, Saskia. The global city: introducing a concept. **Brown Journal of World Affairs**, v. XI, issue 2, winter/spring 2005, pp. 27-43.

SILVA, J. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, pp 117-134, jul./dez. 2007.

SILVA, Regina. Cidade e memória. **Varia História**, Belo Horizonte, n 12, Dezembro/93, p.47-57. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572779952fe1315d3935996c/1462204824987/03_Silva%2C+Regina+Helena+Alves+da.pdf Acesso em: 15 de nov. 2020.

SILVEIRA, Ellen; SARAIVA, Lara; LANDULPHO, Maíra; LESSA, Maria. Considerações do Observatório da Governança Municipal sobre o Projeto Areninhas. **Observatório da Governança**. Disponível em:

<https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=9632134f-7647-4869-b551-5fb384b11eed> Acesso em: 09 fev. 2023.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In.: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O fenômeno urbano**. Org. Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: 1967.

SOUSA, Glauber. O jovem era morador das proximidades e tinha o costume de participar de jogos no período noturno na Areninha (2022) Messejana. **Jornal R7**. Fortaleza: 2022. Disponível em: <https://gcmias.com.br/noticias/fortaleza/2022/08/03/jovem-e-executado-durante-partida-de-futebol-em-areninha-de-fortaleza/> Acesso em: 26 jan. 2023

SPOSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre jovens na pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999 – 2006). In: SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira (1999-2006)**, v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 17-44.

TAVOLARI, Bianca. Direito à Cidade: Uma trajetória conceitual. **Novos Estudos**, 104, mar. 2016. Disponível em https://educacaoeterritorio.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Direito_a_cidade_uma_trajetoria_conceitu.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

TELLES, Vera. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan-jun, 2015, p. 15-41.

TELLEZ, A. VERDU, A. El significado de la masculinidad para el análisis social. Revista **Nuevas Tendencias en Antropología**, n. 2, 2011, pp. 80-103.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In.: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O fenômeno urbano** (org.). Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: 1967.

WEYRAUCH, Cléia. Violência Urbana. **Dimensões**, v. 27, 2011, p. 2-22. ISSN: 2179-8869. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2580/2076> Acesso em: 05 nov. 2020.

WILKSON, Adriano. GARCIA, Diego. Mulheres do Qatar vão ao estádio pela 1ª vez: 'Tive vontade de chorar'. **Portal UOL**, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/20/mulheres-do-qatar-vao-ao-estadio-pela-1-vez-tive-vontade-de-chorar.htm> Acesso em: 29 nov. 2022.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In.: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967.